

RESTAURAÇÃO DA MONARQUIA DAVÍDICA
E DA TERRA DE ISRAEL

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oseias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo o livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a Primeira Carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a Carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o Evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo. Entendendo o Evangelho de Lucas*
- *Deus conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o Evangelho de Mateus*
- *Permaneço no meu amor para dar muitos frutos. Entendendo o Evangelho de João*
- *Defesa da família: casa e terra – Entendendo o livro de Miqueias*
- *Para que n'Ele nossos povos tenham vida: "Anunciar o Evangelho e doar a própria vida" (1Ts 2,8). Entendendo a primeira carta aos Tessalonicenses*
- *"A Sabedoria é um espírito amigo do ser humano" (Sb 1,6): caminho para a justiça e a vida. Entendendo o livro da Sabedoria*
- *"Jesus Cristo veio na carne é de Deus" (1Jo 4,2): entendendo a primeira carta de João*
- *A Lei em favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*
- *O Evangelho de Jesus Cristo Crucificado: "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Entendendo a carta aos Gálatas*
- *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*
- *Nova humanidade em Cristo: entendendo a carta aos Efésios*
- *Restauração da monarquia davídica e da terra de Israel: entendendo o livro de Ezequiel*

CENTRO BÍBLICO VERBO

RESTAURAÇÃO DA
MONARQUIA DAVIDICA
E DA TERRA DE ISRAEL

ENTENDENDO O LIVRO DE EZEQUIEL



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Centro Bíblico Verbo
Rua Fernandes Moreira, 311/315 Térreo
Chácara Santo Antônio
04716-000 São Paulo-SP
Tel. (11) 5187-1008
Fax (11) 5187-1009
www.cbiblicoverbo.com.br
contato@cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: *Shigeyuki Nakanose, svd*
Maria Antônia Marques

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Assistente editorial

Cristiane Barbosa Cardoso

Coordenação de revisão

Tiago José Risi Leme

Preparação do original

Tatianne Francisquetti

Coordenação de design

Elisa Zuigeber

Capa e diagramação

Júlia Cardoso Nascimento

Ilustrações

Sergio Ricciuto Conte

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2024



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS – 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5376-4

AGRADECIMENTOS

“Colocarei em vocês o meu espírito, e vocês reviverão” (Ez 37,14). Nas muitas leituras comunitárias que fizemos do livro de Ezequiel, fomos descobrindo um homem profundamente comprometido com a história do seu povo, que soube adaptar-se aos novos tempos. Ele era um sacerdote do templo de Jerusalém e, no exílio, em vista da necessidade, tornou-se profeta, animando os judeus exilados da primeira deportação. Ainda hoje, o Espírito de Deus, presente em nossa caminhada, continua nos fazendo reviver.

Muitas pessoas colaboraram no processo de construção deste subsídio. Nossa gratidão aos participantes dos estudos e aprofundamentos deste livro, realizados no mês de julho, sob a coordenação do Centro Bíblico Verbo, e em novembro, sob a coordenação e com o apoio das irmãs Mercedárias do Brasil.

Um obrigado especial aos assessores Luiz Carlos Catapan e Luiz José Dietrich, pela leitura atenta, pelas correções e pelas sugestões. Agradecemos às demais assessoras e aos assessores do Centro Bíblico Verbo: Agostinho Syukur, Antônio Carlos Frizzo, Heloísa Silva de Carvalho, Maria Gisele Canário e Raimundo Aristide da Silva, pelo apoio por meio das partilhas ao redor do texto.

Um agradecimento especial ao ilustrador Sergio Ricciuto Conte pelas ilustrações, que ajudam na compreensão da mensagem. Contamos também com a colaboração eficaz da secretária do Centro Bíblico Verbo, Joana Chuha,

e com o apoio dos membros funcionários e funcionárias da Congregação do Verbo Divino e da Verbo Filmes. A vocês a nossa gratidão.

A partir do livro de Ezequiel, tivemos a oportunidade de compreender melhor os sonhos, os anseios e os projetos dos primeiros judeus exilados na Babilônia. E o sonho de uma sociedade segundo o desejo de Deus continua vivo. Que possamos ser ouvintes capazes de acolher a Palavra: “A palavra de Javé veio a mim” (34,1).

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história;
- formar multiplicadores(as) da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração;
- ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir, junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades, textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na Pastoral, por exemplo: páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação, a cargo de PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO
AO LIVRO DE EZEQUIEL



RESTAURAÇÃO DA MONARQUIA DAVIDICA E DA TERRA DE ISRAEL

Entendendo o livro de Ezequiel

O livro de Ezequiel se abre com uma notícia autobiográfica sobre a vocação:

No dia cinco do quarto mês do ano trinta, estando eu junto com os exilados à beira do rio Cobar, de repente se abriram os céus e eu tive visões divinas. No dia cinco do mês, no ano cinco do exílio do rei Joaquin (31 de julho de 593 a.C.), a palavra de Javé veio ao sacerdote Ezequiel, filho de Buzi, na terra dos caldeus, às margens do rio Cobar. Aí Javé colocou a mão sobre ele (1,1-3).¹

Na primeira deportação (597 a.C.), o profeta-sacerdote Ezequiel, pertencente à elite da cidade de Jerusalém, foi levado junto com o rei Joaquin/Jeconias de Judá para a Babilônia e estabeleceu-se em Tel-Abib, no canal do rio Cobar, um dos afluentes do Eufrates (1,3; 3,15). Entre os anos 593 e 571 a.C. (1,1; 29,17), ele exerceu sua atividade como profeta no meio dos primeiros exilados (família real, altos oficiais, anciões, fazendeiros), animando, orientando e preparando-os para a restauração da monarquia davídica em Jerusalém (37,21-28). Após o exílio (538 a.C.), o grupo de Ezequiel instaurou a teocracia, instituindo o templo de Jerusalém como o local exclusivo de celebração

¹ Importante: onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é do livro de Ezequiel. Os textos foram extraídos, em sua maioria, da *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015.

do culto a Javé oficial, o centro administrativo e o local de arrecadação de tributo (40,1-48,35).

1. Formação

Ezequiel, cujo sentido é “*El* (o Deus supremo) fortaleza” ou “*El é forte*”, era sacerdote do templo de Jerusalém e profeta da corte, em oposição aos profetas do campo, como Miqueias e Jeremias. Sendo de família sacerdotal, foi formado na escola teológica da monarquia davídica. Por isso, o grupo de Ezequiel era marcado por pensamentos sociais e religiosos da casa davídica, sobretudo moldados pelo movimento deuteronomista, que se iniciou no reinado de Ezequias (716-687 a.C.; 2Rs 18-20; Dt 12-26) e se intensificou no reinado de Josias (640-609 a.C.; 2Rs 22-23; Dt 4,44-28,68), com o principal objetivo de centralizar o culto no templo de Jerusalém, em nome de Javé, Deus oficial de Judá. Eis aqui os princípios teológicos da escola davídica de Jerusalém:

- a) Javé oficial, Deus poderoso, glorioso e transcendente, presente unicamente no templo da cidade santa de Jerusalém (9,3; Is 6,1-5), escolhe Israel como o povo de Deus (20,5; Dt 7,6).
- b) A aliança de Javé oficial com o povo eleito é um compromisso recíproco (retribuição). Se o povo observar a Lei de Deus, receberá a bênção (terra, fecundidade, segurança e bem-estar). Se pecar, a maldição abaterá o povo, por exemplo, a invasão e a destruição de Jerusalém (16,59-60; Dt 28,1-46; Is 5,1-7). O processo básico da teologia tem os seguintes passos: a infidelidade (pecado) ao Senhor Deus Javé, o castigo, a conversão, a nova aliança e a restauração do povo!

- c) Condenação dos lugares altos e de outros deuses para concentrar o culto só a Javé oficial no templo de Jerusalém (6,1-10; Dt 13; 2Rs 23,8-14; Is 2,6-22).
- d) Condenação da infidelidade à cidade santa de Jerusalém, tomada por abominações – ídolos imundos e crimes (4,1-5,17; 8,1-10,17; 16,1-63; 22,1-24,14; 2Rs 23,4-7; Is 1,21-25).
- e) O Senhor Deus Javé se compromete com a dinastia davídica: Davi e seus herdeiros reinarão em Israel para sempre (34,23-24; 37,24-25; 2Sm 7,1-17; Is 11,1-9).
- f) O rei davídico deve governar o povo com o “direito e a justiça”, promovendo a paz, sobretudo para os pobres e sofredores (22,6-7; 34,1-31; Dt 24,14-22; Is 9,1-6; 32,1-5).
- g) Reunificação de Israel Norte com Judá (Sul), sob Javé oficial, um só rei davídico e um só templo, em Jerusalém (34,23; 37,15-28; 2Rs 23,15-20; Is 11,13).

São essas as ideias e as propostas básicas da teologia davídica (deuteronomista), que moldam as mensagens de Ezequiel e de seu grupo ao longo da sua atividade profética.

2. Mensagens e contexto histórico

O rei Joaquim (609-597 a.C.), sucessor de Josias, maltratou o povo (Hab 1,2-4) e fez uma aliança com o Egito, em busca de poder e de riqueza, provocando guerra com a Babilônia. Durante o cerco do exército babilônico, ele morreu, e seu filho, Joaquin, assumiu o trono. Três meses depois, ele se rendeu e foi deportado para a Babilônia, junto com seus governantes. O profeta Ezequiel os acompanhou e exerceu sua atividade

profética na colônia judaica montada ao lado do canal do rio Cobar. Para ele, o rei Joaquin era o verdadeiro continuador da dinastia davídica, e os primeiros judeus exilados eram o verdadeiro povo de Deus. No desterro, Ezequiel, “filho do homem” (“ser humano” em hebraico), profetizou sob a ótica teológica da monarquia davídica e conscientizou os primeiros exilados a respeito da situação de Jerusalém no reinado de Sedecias (597-587 a.C.), sucessor de Joaquin. Após a queda de Jerusalém em 587 a.C., ele tentou orientar os exilados, exortando-os a restaurar a monarquia davídica em Jerusalém.

Reinado de Sedecias

Sedecias, o rei empossado pela Babilônia, continuou dominando o país usando novamente de violência e opressão (34,2-4). Ele, com o apoio do partido pró-Egito, recorreu ao Egito e tentou romper com a Babilônia, exercendo uma política militarista e expansionista a serviço da concentração do poder e da riqueza:

- a) O governo de Sedecias foi condenado pela prática opressora e violenta contra o povo sofrido. Para Ezequiel, o governante davídico, como bom pastor, deveria apascentar e defender seu povo, promovendo a justiça (22,1-31; 34,1-16).
- b) A aliança com o Egito incluía a adoção de certas práticas religiosas desse povo. Ezequiel, defensor de Javé oficial, denunciou a presença das divindades estrangeiras no templo de Jerusalém: a “estátua rival”, denominada “ídolos imundos” (8,1-10,17; 14,1-11).
- c) Javé abandonou o templo e Jerusalém, por causa da prática da idolatria (abominação) e dos crimes (22,17-31; 37,23), e exilou-se na Babilônia

(10,1-11,25). Ele estaria no meio dos exilados (o rei Joaquin e seus oficiais), atestando que eles eram o verdadeiro povo eleito de Deus (3,12-15.22-23; 11,14-18).

- d) A visão dos “quatro seres vivos”, atrelados ao carro de Javé na viagem para a Babilônia, lembra as estátuas de quatro rostos, presentes na entrada dos templos e palácios da Mesopotâmia (1,4-28). É a visão que proclama Javé como Deus poderoso, glorioso e transcendente de Israel diante dos deuses babilônicos.
- e) Ezequiel condenou as tentativas de Sedecias de sacudir o jugo do império babilônico (17,1-21). Qualquer tentativa de se insurgir contra a Babilônia colocaria em risco a vida dos primeiros exilados com o rei Joaquin, além de causar uma destruição ainda maior de Jerusalém, a cidade santa de Deus.
- f) Ezequiel condena os falsos profetas da corte de Sedecias que pregam a aliança com o Egito e a guerra contra a Babilônia (13,1-16; cf. Jr 28).

Período exílico

A segunda revolta de Judá, com o rei Sedecias, provocou a reação violenta e devastadora do exército de Nabucodonosor, rei dos babilônios, em 587 a.C. O rei e seus governantes foram massacrados, a capital Jerusalém, com seu Templo, foi devastada, e o “resto” da população pobre de Jerusalém foi deportado (segunda deportação; cf. 2Rs 25,1-21). Os exilados caíam em estado de desespero, sem perspectivas de futuro, descritos como “ossos secos” (37,1-2). No interior de Judá, com o esforço do grupo do profeta Jeremias, líder dos camponeses remanescentes, a terra de Judá foi distribuída para os pobres por Godolias,

governador nomeado pela Babilônia, com a nova capital em Masfa (Jr 40,7-12), antigo santuário do Israel pré-monárquico (Jz 20,1; 1Sm 7,5; 10,17).

Durante o exílio, na Babilônia, enquanto os pobres da segunda deportação tentavam sobreviver e sonhavam com uma sociedade justa e fraterna, tendo como liderança e inspiração o “Servo Sofredor” (Is 42,1-9; 52,13-53,12; 55,1-11), os primeiros exilados, sob a liderança de Ezequiel, procuravam manter sua fidelidade à aliança com Javé oficial, Deus glorioso e transcendente, fortalecendo e renovando a teologia oficial da monarquia davídica (deuteronomista):

- a) Causa do desastre nacional: a destruição e o exílio aconteceram não porque Javé oficial, o Senhor Deus poderoso, era incapaz de proteger seu povo, mas devido ao pecado do próprio povo de Israel, sobretudo à infidelidade dos governantes de Jerusalém (8,1-18; 22,23-31). Conforme a mentalidade da época, Javé oficial utilizou a Babilônia para castigar quem praticava a abominação, quebrando a aliança com o Deus de Israel (6,1-14; 11,9-10).
- b) Coração novo e nova aliança: Javé perdoa o pecado de Jerusalém e realiza a nova aliança com Israel na medida em que o povo assume um “coração íntegro e um novo espírito” (= entendimento e conversão: 11,19-21; 18,31; 36,26-27; 37,3-14), observando os estatutos e voltando ao Senhor Deus Javé.
- c) Pureza no meio dos impuros: os exilados devem manter-se “puros” em terra estrangeira, observando os estatutos e as normas de Javé oficial: a circuncisão, o sábado, a lei da pureza etc. (20,18-20; 32,19-21; 36,16-25; 37,23).

- d) Responsabilidade individual (14,12-23; 18,1-32): cada um será julgado e condenado por Deus conforme seus pecados (não observância da lei da pureza). As normas e os rituais de pureza são apresentados como leis de Deus, e ensina-se que o acesso à salvação exige que cada pessoa siga individualmente essas normas e rituais, independentemente do compromisso prático, social e comunitário, sobretudo com os necessitados (o pecado social e a salvação comunitária). Esse é o princípio da retribuição individual, que moldará o farisaísmo no futuro.
- e) Crítica contra os pobres remanescentes em Judá: Ezequiel condena os remanescentes de Jerusalém (Lm; Mq 4-5) e os camponeses remanescentes ao redor de Masfa (2Rs 25,12; Jr 39,10; 40,1-12), por pretenderem ser os herdeiros da terra santa (11,15; 33,23-29), para onde os exilados da primeira deportação, antigos latifundiários, esperam retornar no futuro. Pois os primeiros deportados consideram-se o verdadeiro povo de Deus e os herdeiros legítimos da terra santa de Judá, com a presença de Javé no meio deles.
- f) Javé, Bom Pastor: em meio à realidade sofrida dos exilados, provocada pelos maus pastores (os últimos governantes davídicos), Javé mesmo se torna pastor para proteger seu povo, conduzi-lo à sua terra e apascentá-lo com direito e justiça (34,1-16).
- g) Restauração do novo Israel: Ezequiel planeja a restauração da nova monarquia davídica, com o restabelecimento da aliança com Deus; a reunificação dos dois reinos sob o único pastor, o novo Davi; a restauração do novo “santuário” no meio do povo, no qual Javé oficial habitará para sempre,

restabelecendo a aliança de paz (37,15-28). Historicamente, o projeto da nova monarquia davídica (Ag 2,20-23) foi reprimido pelo império persa, o novo senhor do mundo, e os sacerdotes assumirão também o poder político, configurando a teocracia.

Período pós-exílico

Após o exílio (538 a.C.), o grupo de Ezequiel, agora chamado *golá* (a elite repatriada), retornou para Judá, exigiu o direito sobre a terra santa de Judá e estabeleceu a teocracia como comissários do império persa (Esd 1-7). Os teocratas reconstruíram e fortaleceram o sistema do Templo com Javé, Deus único, a teologia da retribuição, a lei da pureza, os sacrifícios, a sacralização do sábado, as festas, as ofertas dos produtos da terra para Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos, para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do império persa, provocando o sofrimento do povo (cf. Is 66,1-4; Jó 24,1-12; Sl 73).

Para justificar o funcionamento da teocracia com o Templo e a distribuição da terra santa, os teocratas, seguidores de Ezequiel (“pai do judaísmo oficial”), escreveram a utopia da nova Jerusalém e do povo restaurado com a presença de Javé, o Senhor Deus glorioso e transcendente (Ez 40-48):

- a) Nova Jerusalém esplêndida e utópica (40,1-46,24): a cidade santa é descrita com o novo Templo bem organizado, com seu altar, ministros, festas e sacrifícios.
- b) Templo, a fonte da bênção de Deus (47,1-12): a água que nasce do Templo se torna um poderoso rio, que atravessa e fertiliza a região seca da terra, produzindo peixes, árvores, frutos e folhas

medicinais. Historicamente, os sacerdotes, filhos de Sadoc, que foram os primeiros a ser exilados na Babilônia junto com o rei Joaquin e o profeta Ezequiel, obtiveram privilégios culturais, materiais e políticos ao ocuparem o serviço principal do novo Templo (44,4-31). Eles foram criticados pelo profeta Malaquias pelo desleixo e pela corrupção do culto (Ml 1,6-2,9).

- c) A divisão da terra (47,13-48,35): o príncipe (descendente de Davi) deve garantir a divisão da terra (herança) como dom de Deus, uma vez que a sustentação econômica do governo consiste basicamente em cultos, festas e tributos arrecadados da herança do povo (45,13-17). A parte central do território é reservada para o Senhor Deus Javé glorioso e seus ministros teocratas (45,1-12; 48,8-22). A arqueologia confirma que mais de 40 mil camponeses permaneceram em Judá durante o exílio, organizando a vida em clãs, tribos e aldeias comunitárias. Como no tempo da monarquia, eles iriam sofrer novamente com a política centralizadora e opressiva dos teocratas, em nome de Javé poderoso e castigador (Is 58,1-12). Possivelmente, nessa época, os teocratas alteraram a lei do Jubileu, dizendo que após 50 anos – duração aproximada do exílio – a terra deveria retornar a seus antigos donos (Lv 25,8-13).
- d) A presença gloriosa de Javé: a mais importante afirmação de Ez 40-48 é a glória de Javé, que retorna e permanece na cidade santa de Jerusalém, renovada para sempre (43,1-9): “Javé aí está” (48,35). É a afirmação que justifica a legitimidade do poder dos teocratas, como o verdadeiro povo santo de Javé, sobre os pobres remanescentes em Judá.

3. Redação e estrutura

O livro de Ezequiel apresenta uma série de trabalhos redacionais de vários grupos: repetições (3,17-21 = 33,1-9; 18,25-29 = 33,17-20); deslocamentos (3,22-27; 4,4-8; 24,15-27; 33,21-22); acréscimos posteriores (38-39 e 40-48). Existem pelo menos três grupos: a) oráculos e visões de Ezequiel que foram conservados, reinterpretados e acrescentados por seus seguidores, segundo a visão da teologia deuteronômista; b) instituição e legislação da nova Jerusalém utópica, escrita pelos teocratas, o grupo de Ezequiel do tempo pós-exílico (40-48); c) confronto entre Israel, o povo santo, e as potências do mal, em perspectiva escatológica (38-39). Em linhas gerais, o atual livro tem a seguinte organização:

I. 1,1-3,21	II. 3,22-24,27	III. 25-32	IV. 33-39	V. 40-48
Vocação do profeta	Oráculos sobre a destruição de Jerusalém	Oráculos contra as nações	Oráculos de salvação para Israel	Visão da nova Jerusalém e do povo restaurado

4. Mensagens principais

O livro de Ezequiel é uma janela pela qual podemos ter uma visão da realidade da primeira e da segunda deportação (597 e 587 a.C.). Tempos difíceis. As lideranças precisaram buscar forças para manter vivas a fé e a esperança dos judeus exilados na Babilônia. Mesmo no fundo do poço, o sacerdote-profeta apontou o caminho para a saída da crise, insistindo na presença de Deus Pastor que acompanha o seu povo.

Para entender o livro de Ezequiel, escolhemos algumas passagens que nos ajudarão a colocar os pés na realidade de ontem e de hoje. Eis a nossa proposta.

Primeiro encontro: Os crimes de Jerusalém (22,17-31). Com o profeta Ezequiel, somos convidadas(os) a tomar consciência das realidades de injustiça entre os dirigentes de Jerusalém e de Judá e, ao mesmo tempo, olhar para a nossa realidade hoje. Como seguidoras e seguidores de Jesus Cristo, é nossa missão assumir uma atitude de denúncia profética contra todas as realidades que não dignificam a vida humana.

Segundo encontro: Ter discernimento na busca da verdade e da justiça (13,1-16). No tempo de Ezequiel, bem como em nossos dias, há profetisas e profetas que legitimam atos de injustiça dos grandes e poderosos. Vivendo a fé cristã, refletiremos sobre a necessidade de distinguir a verdade e a justiça segundo o coração de Deus. Nesse encontro, queremos reafirmar nosso compromisso na construção de uma sociedade da verdade e da paz.

Terceiro encontro: O Espírito de Deus nos faz reviver (37,1-14). Na esteira do profeta Ezequiel, sob o poder do Espírito e da mão de Deus, andaremos no “vale de ossos secos” da nossa realidade, acreditando que a ação de Deus tem poder para ultrapassar todas as barreiras construídas pela ganância e pelo ódio. Em meio à realidade de injustiça e morte, o Espírito tem a força de nos fazer reviver.

Quarto encontro: Javé, o Bom Pastor, na restauração do povo sofrido (34,1-16). Nesse encontro, vamos reviver o cuidado amoroso de Deus para conosco. Ele é o Bom Pastor que dispensa cuidados especiais ao seu povo. Que a reflexão sobre Javé, o Bom Pastor, que cuida especialmente

das ovelhas mais fracas e necessitadas, desperte em nós essa mesma atitude. Somos chamadas e chamados a ser pastoras e pastores segundo o direito e a justiça.

Quinto encontro: O sonho de voltar para a terra e restaurar a vida (37,21-28). Por mais difícil que seja a realidade, a esperança sempre prevalece. O grupo de Ezequiel sonha em voltar para a terra e reconstruir a sociedade segundo a sua formação. É preciso sempre sonhar com a *Jerusalém renovada*, uma terra de paz e segurança para todas as pessoas. Que a nossa aliança com o Deus da vida seja uma aliança que inclua todas as pessoas, independentemente da classe social, da etnia ou da orientação sexual. Vida em abundância para todas e todos.

No exílio, Ezequiel, que era sacerdote, tornou-se profeta, alimentando os sonhos e a esperança de um grupo de judeus exilados. Que a leitura e a reflexão de algumas passagens do livro de Ezequiel despertem em nós o desejo de procurar novos caminhos na construção de uma sociedade da paz e da justiça.

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa,

dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.

- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder a todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o vídeo *Chaves para entender o livro de Ezequiel*, Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: Os crimes de Jerusalém.

PERSONAGENS: Ezequiel, Javé, chefes, sacerdotes, oficiais, profetas, povo da terra.

TEXTO: Ez 22,17-31.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra de Javé, casa de Israel, Jerusalém, escória, fogo, derreter, ira/cólera, Lei, profanar, puro e impuro.

PERSPECTIVA: Reforçar a consciência de que a verdadeira religião não compactua com a realidade de injustiça e violência, assumindo uma postura profética de denunciar em si mesmo, na comunidade e na sociedade os mecanismos estruturais que produzem injustiça e morte.

“Filho do homem, para mim a casa de Israel se transformou em escória” (Ez 22,18).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, um ramo seco, um ramo verde e recortes de jornal ou revista que mostrem realidades de injustiça e violência.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome da Trindade Santa.

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Boas-vindas a todas e todos. Setembro é o mês da Bíblia e, neste ano, nossa reflexão é a partir do livro de Ezequiel. Para que nosso encontro seja de amigos e amigas ao redor da Palavra, podemos dizer o nosso nome e qual a esperança que trazemos no coração. *Tempo para partilhar.* Que o espírito profético possa nos conduzir nesta caminhada em busca de luzes para a nossa vida pessoal e de nossa comunidade. Com esperança renovada, cantemos.

Sugestão: O Espírito do Senhor repousa sobre mim, o Espírito do Senhor me escolheu, me enviou. Para dilatar o seu reino entre as nações, para anunciar a Boa-nova a seus pobres. Para proclamar a alegria e a paz: exulto de alegria em Deus, meu Salvador.

Dirigente: Em voz alta, vamos repetir o tema do encontro: *Os crimes de Jerusalém.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Vivemos em um mundo marcado por grandes incertezas, desigualdades sociais e raciais.

Por ganância e ambição, vários países estão em guerra, provocando um número espantoso de refugiados, de destruição e morte. Tivemos alguma melhora na situação socioeconômica do Brasil, mas os números ainda são alarmantes, o número de pessoas que vivem em situação de insegurança alimentar clama aos céus: são mais de 33 milhões de pessoas. Ainda é grande o número de jovens que não trabalham nem estudam. O desemprego diminuiu, mas ainda são mais de 8 milhões de pessoas desempregadas. O endividamento ainda é uma realidade angustiante para mais de 71 milhões de pessoas... Diariamente, vemos tristes cenas de racismo, provocadas por pessoas que estão no poder civil e religioso e até mesmo por nós. Violência doméstica, estupro de mulheres, o feminicídio e os constantes ataques contra o grupo LGBTQIA+, invasão e contaminação das reservas ecológicas e das terras indígenas, e outras violências diariamente matam membros dos povos indígenas... Essas ainda são realidades recorrentes em nosso meio, e nelas o Senhor Jesus clama por nossa ação solidária e amorosa (Mt 25,40).

Dirigente: Como viver a nossa vocação cristã em meio a tantas realidades de morte? Quais ações nossos governantes e nossos líderes religiosos deveriam realizar para ajudar na construção de uma sociedade justa e solidária? Como nossa comunidade procura conhecer e agir nestas situações? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto escolhido pelo grupo.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: O sacerdote-profeta Ezequiel foi formado na escola de Jerusalém, sede da monarquia davídica. Para ele, a cidade de Jerusalém, cidade santa, e o Templo eram os símbolos da aliança com Javé. Por isso, Jerusalém deveria promover a vida, a justiça e a

fraternidade (cf. Is 1,21-26). Porém, tornou-se lugar de morte e de injustiças: “a cidade sanguinária” (22,6.9.12; 24,9). E quem eram os responsáveis pelos crimes? Exatamente os líderes que deveriam cuidar do povo: os governantes e os poderosos – chefes, sacerdotes, profetas e os donos da terra. Mas eles, movidos pela cobiça, poder e busca de riquezas, aliaram-se ao Egito e a outras nações vizinhas (16,23-29), acumulando riquezas e contratando forças e equipamentos para a guerra, assumindo certas práticas religiosas e costumes daqueles povos (idolatria, abominações e prostituições), que promovem e justificam a injustiça, a opressão e a violência contra os pobres e sofredores (7,23; 22,1-16). Esse é o grande mal – a escória = resíduo, borra, lixo – que leva a nação à autodestruição (o dia de Javé: cf. Am 5,18-20; Ez 16,43). Por isso, Ezequiel critica os governantes e anuncia o dia de Javé – o julgamento –, que se manifestará na invasão devastadora do exército babilônico (22,13-16).

5. Leitura do texto

Dirigente: Abramos nosso coração e nossa mente para acolher a Palavra de Deus e deixar que ela crie raízes em nossa vida. Que o Deus da Vida reavive em nós a profecia. Cantemos: *Que arda como brasa, tua Palavra nos renove, esta chama que a boca proclama* (cf. Is 6).

Leitora ou leitor 3: Ler Ez 22,17-22.

Leitora ou leitor 4: Ler Ez 22,23-31.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Qual realidade transparece no texto?
- b) Quem são as vítimas do mal praticado pelos governantes?

- c) O que é a ira de Deus ou o dia de Javé?
- d) Qual é o papel do profeta Ezequiel?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 5: A busca desenfreada de riquezas e poder dos governantes provoca injustiça, violência e morte: eles procuram somente seus próprios interesses e, muitas vezes, sacrificam a grande maioria em nome de seu próprio bem-estar.

- a) Quais são as idolatrias, as abominações e as “escórias” que provocam o sofrimento do povo nos dias de hoje?
- b) Como nós e nossas comunidades estamos engajados no compromisso com os oprimidos e explorados?

7. Celebrando a vida

Dirigente: O texto de Ezequiel apresenta o rosto de um Deus que não aceita as realidades de injustiça social e religiosa. Que o nosso coração possa abrir espaço para que a Palavra de Deus produza frutos de vida e justiça. Neste momento, vamos olhar para o galho seco e o verde e rezar as realidades representadas nos recortes de jornais e outras que nós conhecemos, apresentando também nossos sonhos e esperanças de um mundo melhor. *Tempo para as preces.*

Dirigente: Peçamos a Deus o espírito da profecia, a coragem para denunciar as realidades de injustiça em nosso meio e a capacidade de superar em nós atitudes que excluem o outro, a outra. De mãos dadas, rezemos o Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ez 13,1-16, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Tomar conhecimento das pastorais sociais existentes em nossa paróquia e ver como podemos ajudar. Em âmbito pessoal, observar como eu incluo as pessoas diferentes em minha convivência.

10. Bênção final

Dirigente: “A Palavra de Javé veio a mim” (Ez 22,17.23). Peçamos a bênção de Deus, acolhamos sua Palavra, e que ela frutifique ao nosso redor. Que Deus nos abençoe e nos conduza em nossa vida.

Todas(os): Amém.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: *Jerusalém, a cidade infiel*

Isaías, profeta da corte davídica nos anos 740-710 a.C., critica os governantes de Jerusalém:

Como se transformou em prostituta a cidade fiel! Antes era cheia de direito, e nela morava a justiça: agora está cheia de criminosos! Sua prata se tornou escória, seu vinho ficou aguado. Seus chefes são bandidos, cúmplices de ladrões: todos eles gostam de suborno, correm atrás de presentes. Não fazem

justiça ao órfão, e a causa da viúva nem chega até eles (Is 1,21-23).

Isaías, formado na teologia da casa davídica (Is 6,1-13), prega que a monarquia e Jerusalém, a cidade santa, são instrumentos do Javé oficial para realizar a salvação do povo (Is 9,1-6). Os governantes devem promover a vida, na justiça e na fraternidade. Eles, porém, traem a sua missão e transformam Jerusalém em “escória” (lixo, impureza, resíduos: cf. Ez 22,17-22), desrespeitando as leis em favor dos pobres (Dt 24,14-22):

Javé se levanta para julgar, fica em pé para dar a sentença contra seu povo. Javé está vindo para fazer um julgamento contra os anciãos e contra os chefes [príncipes] do seu povo: “Vocês devoraram a vinha e está na casa de vocês tudo o que foi roubado aos pobres. Que direito têm vocês de oprimir meu povo e esmagar a face dos pobres?” – oráculo do Senhor Javé dos exércitos (Is 3,13-15).

Por volta do ano 630 a.C., o profeta Sofonias também anuncia o oráculo contra os dirigentes de Jerusalém que, movidos pela cobiça do poder e da riqueza, transformam Jerusalém numa cidade de exploração:

Nesse tempo, revistarei Jerusalém com lanternas, para pedir contas àqueles que, concentrados como o vinho em sua borra, dizem em seus corações: “Javé não faz o bem nem o mal”. Suas riquezas serão saqueadas, suas casas serão demolidas. Construíram casas, mas não habitarão nelas; plantaram videiras, mas não beberão seu vinho (Sf 1,12-13: cf. Sf 1,10-11; 3,1-5).

A corte de Judá, apoiada pela Assíria e por outras nações vizinhas, promove deuses estrangeiros para legitimar o controle e a exploração do povo (o exército do céu, Melcom etc.: cf. Sf 1,4-7), e ainda adota certos costumes desses povos no controle:

No dia do sacrifício de Javé, pedirei contas aos oficiais e aos filhos do rei e a todos os que se vestem à moda estrangeira. Nesse dia, pedirei contas a todos os que saltam a soleira da porta e enchem de violência e trapaça a casa dos seus senhores (Sf 1,8-9).

Segundo Sofonias, a violência e a exploração, movidas pela busca do poder e da riqueza, levariam a nação à autodestruição (guerra, devastação), à destruição denominada de “Dia (ira) de Javé” (cf. Am 5,18-20). O profeta convoca os “pobres da terra” (camponeses explorados e empobrecidos) a abrir-se ao Deus da vida, a buscar a solidariedade e a união, e a lutar pela justiça e pelo direito para subverter a situação de autodestruição:

Reúnam-se, reúnam-se, nação sem-vergonha, antes que vocês se espalhem como palha que desaparece num dia, antes que caia sobre vocês o fogo da ira de Javé, antes que caia sobre vocês o dia da ira de Javé. Procurem a Javé, como todos os pobres da terra que praticam o direito por ele estabelecido. Procurem a justiça, procurem a pobreza [solidariedade]. Quem sabe, assim, vocês acharão um refúgio no dia da ira de Javé (Sf 2,1-3).

Apesar do alerta e do conselho dos profetas, os últimos reis de Judá continuam praticando a exploração e a violência contra o povo. Por isso, Ezequiel condena o governo do rei Sedecias por aliar-se ao Egito e a outras

nações vizinhas (16,26), certamente concentrando poder e riqueza, enquanto se preparava para a guerra contra a Babilônia, e assimilando certas práticas religiosas e costumes desses povos (ídolos, abominações e prostituições), que justificam e promovem a injustiça, a opressão e a violência, transformando Jerusalém numa cidade sanguinária:

A palavra de Javé veio a mim nestes termos: “Filho do homem, você não vai julgar a cidade sanguinária? Denuncie todas as suas abominações, dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Ai da cidade que derrama sangue dentro de si mesma e faz chegar sua própria hora! Que fabrica seus ídolos, para com eles se contaminar! O sangue que você derramou é a condenação para você. Ao fabricar ídolos, você se contaminou, e assim apressou seus dias e fez chegar o fim de seus anos. Por isso, eu farei você passar vergonha entre as nações e ser objeto da zombaria de todas as terras” (22,1-4).

Jerusalém se torna infiel e prostituta: abandona o projeto de Javé, para fazer aliança com o Egito e outras nações vizinhas e, por conseguinte, adotar a prática de idolatria e abominações, aumentando os crimes e as violências contra o povo: “Aí estão os príncipes de Israel, cada um conforme seu poder, desafiando-se dentro de você para derramar sangue. No meio de você são desprezados o pai e a mãe, em seu seio o estrangeiro é oprimido, a viúva e o órfão são explorados” (22,6-7).

Historicamente, os governantes sediados em Jerusalém executaram a política militarista e expansionista para aumentar seu poder e sua riqueza. Nesse intento, eles se aliaram com o império egípcio, assimilando a política, a ideologia e os costumes do Império, o que provocou a guerra, a invasão, a devastação e o exílio executados

pela Babilônia, que dominava a Palestina e era rival do Egito. Um preço muito alto. E quem pagou foi o povo, que já estava sofrendo com seus governantes avarentos e corruptos, sendo aniquilado pelos invasores (Lm 1-5).

Ezequiel 22,17-31 descreve Jerusalém transformada em “escória”, denuncia fortemente os crimes cometidos pelos governantes avarentos e anuncia o dia (ira) de Javé, julgamento dos criminosos.

Comentando o texto: *Ez 22,17-31 – Jerusalém, cidade sanguinária*

O profeta Ezequiel, que considera a monarquia davídica, com a cidade santa de Jerusalém, um “instrumento” da salvação do povo, critica os governantes e seus seguidores, que transformam Jerusalém em “escória” (lixo e impureza: Is 1,22.25): “A palavra de Javé veio a mim nestes termos: ‘Filho do homem, para mim a casa de Israel se transformou em escória: todos eles são escória de cobre, estanho, ferro e chumbo dentro de uma fornalha’” (22,17-18).

A imagem da escória lembra o processo de depuração (purificação) dos metais pelo fogo. Os governantes avarentos (22,6) são descritos como resíduos (escória), rejeitos sem valor, deixados de lado no processo de fundição, após o metal desejado ser extraído. Eles, com a prática de idolatria, abominação (delitos) e crimes, transformam Jerusalém, a cidade fiel, em escória (cidade sanguinária: 22,2), provocando a ira e o julgamento de Javé:

Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vocês todos são escória, e eu os reunirei no meio de Jerusalém. Como se ajuntam prata, cobre, ferro, chumbo e estanho dentro da fornalha, para atear fogo e derreter tudo,

assim também, com furor e ira, eu reunirei vocês e os destruirei (22,19-20).

Javé se apresenta como um divino fundidor (Jr 6,27-30), que transforma Jerusalém numa fornalha acesa, para derreter e purificar Israel como os metais (cf. Dt 4,20; Jr 11,4). No processo de purificação, o fundidor Javé, com “furor e ira” (Is 10,5; Sf 3,8), castiga e destrói os governantes infiéis e avarentos como impurezas inúteis:

Juntarei todos e soprarei o fogo da minha indignação para os derreter no meio da cidade. Da maneira como derretem a prata na fornalha, assim também vocês serão derretidos no meio da cidade, e ficarão sabendo que eu, Javé, derramei minha ira sobre vocês (22,21-22).

Em seguida, o profeta confirma novamente a culpabilidade da cidade de Jerusalém infiel, no dia da ira, ou do julgamento: “A palavra de Javé veio a mim nestes termos: ‘Filho do homem, diga a Jerusalém: Você é uma terra que não foi purificada, nem recebeu chuva no dia da cólera’” (22,23-24). A escória de Jerusalém (resíduos, lixo, contaminação: idolatria, abominação e crimes) não está purificada nem limpa pela chuva (38,22), pois os crimes praticados pelos governantes estão bem presentes em Jerusalém. O profeta enumera cinco categorias de pessoas influentes que transformam Jerusalém em escória.

Primeiro: “Seus chefes [príncipes] parecem leões que rugindo estraçalham suas presas: devoram as pessoas, pegam toda a riqueza, tudo o que tem valor, e multiplicam o número de viúvas dentro da cidade” (22,25; cf. Is 1,23). O profeta utiliza a imagem de leões, a imagem simbólica tradicional da nobreza (19,2-7) e, ao mesmo tempo, de animal feroz (Is 38,13), para descrever os delitos dos

príncipes que abusam do poder real (Sf 3,3). O abuso do poder causa a morte dos homens do campo, a apropriação da herança (terra e casa: cf. Is 3,14) e a multiplicação do número de viúvas (Mq 2,1-11).

Segundo: “Seus sacerdotes violam minha lei e profanam meus santuários. Não sabem distinguir entre coisa santa e coisa profana, não sabem separar coisa impura de coisa pura, não fazem caso de meus sábados, e eu mesmo sou profanado entre eles” (22,26). O tema da infidelidade dos sacerdotes da corte é frequente nos oráculos proféticos: “Seus sacerdotes ensinam a troco de lucro” (Mq 3,11); “Seus sacerdotes profanam as coisas santas e violentam a lei de Deus” (Sf 3,4).

No contexto do reinado de Sedecias, o templo de Jerusalém estava repleto de infidelidade a Javé e de impureza (idolatria e abominações): “Filho do homem, você está vendo o que eles fazem? As abominações que cometem aqui para me afastar do meu santuário? E você ainda verá abominações bem mais monstruosas” (8,6). O santuário, que deveria exprimir a fidelidade a Javé, transformou-se num covil de ladrões (comércio religioso: Jr 7,1-11), explorando o pobre e o fraco a serviço da arrecadação da riqueza, em nome de Deus, e sem respeitar o sábado (Am 8,5).

Terceiro: “Seus oficiais [juízes] parecem lobos que estraçalham a presa, fazendo correr sangue e destruindo vidas para se enriquecerem” (22,27). Outro alvo da crítica profética é o juiz: “Seus juízes são lobos à tarde, não comeram nada desde o amanhecer” (Sf 3,3). Os juízes corruptos e avaros manipulam a sentença no tribunal em busca de riqueza, explorando e devorando o pobre e o fraco (Am 5,10-11), e transformando Jerusalém numa cidade sanguinária (22,3-4).

Quarto: “Seus profetas mascaram tudo isso com visões falsas e adivinhações mentirosas, dizendo: ‘Assim diz

o Senhor Javé, quando Javé não falou nada” (22,28). Todos os crimes praticados pelos governantes, como príncipes, sacerdotes e juízes, são justificados pelos falsos profetas. Eles abusam do seu ofício para lançar mensagens falsas e inventadas em vista de seus próprios interesses, e não da defesa da vida do povo: “Seus profetas são uns fanfarrões, mestres de traição” (Sf 3,4; cf. Ez 13,1-23; Mq 3,5-8).

Quinto: “O povo da terra explora e rouba, oprime o pobre e o indigente, e explora o imigrante violando seus direitos” (22,29). Ao longo da história, o povo da terra, que era o latifundiário ligado à casa davídica, sustentou politicamente e militarmente a dinastia davídica (cf. 2Rs 11,18-20; 21,24; Ez 7,27) e abusou do poder real para aumentar seu patrimônio e sua riqueza. Os latifundiários oprimiram e roubaram a herança (terra e casa) dos camponeses, sem respeitar o direito dos pobres (Mq 2,1-2).

Os crimes dos chefes, sacerdotes, juízes, profetas, latifundiários... Os governantes sediados em Jerusalém não orientam nem lideram o povo na justiça e na fidelidade a Javé. Por isso, Ezequiel proclama: “Procurei entre eles um homem que fizesse barreira, que ficasse firme na brecha diante de mim por esta terra, para não deixar que eu o destruísse, mas não encontrei ninguém” (22,30). A frase “ficar firme na brecha” se refere à função da liderança como um orientador ou intercessor diante de Deus, como alguém que deve cuidar de uma represa e repará-la, para impedir que a inundação da violência e do pecado arrase a população. O texto confirma que não havia líder justo no governo de Sedecias.

E, por fim, o dia (ira) de Javé é inevitável: “Por isso, vou derramar sobre eles minha cólera, acabar com eles no fogo do meu furor, e fazer que sofram as consequências do seu comportamento – oráculo do Senhor Javé” (22,31). No tempo da monarquia, o dia de Javé é descrito e compreendido como uma consequência das práticas

injustas e infiéis dos governantes (Am 2,16; 5,18-20; 8,9-10; Is 2,6-21; Sf 1,15; Lm 2,22). É a autodestruição da nação devido ao pecado (abominação, injustiça e violência) dos governantes e de seus seguidores (9,10; 11,21; 16,43), que transformam Jerusalém numa cidade sanguinária.

Aprofundando: *Império, idolatria, alienação, dominação e violência*

Ezequiel, defensor de Javé oficial do templo de Jerusalém, combate outros deuses, como os deuses domésticos (*terafim*) e Asherá, cultuados pelos camponeses em famílias, comunidades, lugares altos. Condena também os deuses (ídolos) dos impérios e suas práticas religiosas e culturais:

Então ele me levou até à porta de entrada (santuário), e eu vi que havia um furo na parede. Ele me disse: “Filho do homem, abra um buraco na parede”. Abri um buraco na parede e vi uma porta. Ele me disse: “Entre para ver as abominações que eles praticam aí”. Entrei e vi imagens com formato de toda espécie de répteis e animais nojentos, todos os ídolos imundos da casa de Israel gravados nas quatro paredes (8,7-10; cf. 16,23-29).

As imagens desenhadas dos animais representam divindades egípcias, adoradas no reinado de Sedecias, que se aliou ao império egípcio por causa da cobiça do poder e da riqueza, inclusive adotando certas práticas religiosas e culturais. As divindades chamadas de ídolos têm a função de alienar e seduzir o povo a serviço da dominação e da violência: “Ele me disse: ‘Você está vendo, filho do homem? E a casa de Judá acha pouco praticar todas essas

abominações que fazem aqui! Eles ainda enchem a terra de violência, provocando minha ira” (8,17).

No tempo do exílio da Babilônia, o Segundo Isaías, que representa o grupo explorado e escravizado da segunda deportação, também critica e condena a idolatria utilizada pelas autoridades do império babilônico para legitimar a dominação e a violência:

Os fabricantes de estátuas [ídolos] são todos um nada e suas coisas preferidas não têm valor. Seus devotos nada veem nem conhecem, e por isso acabam sendo enganados. Quem formaria um deus ou fundiria uma imagem, senão para conseguir alguma vantagem? Vejam: seus devotos todos são enganados, porque os escultores não são mais que homens. Que eles todos se reúnam para comparecer: ficarão apavorados e envergonhados (Is 44,9-11).

A crítica do Segundo Isaías situa-se nos últimos anos do exílio da Babilônia, por volta de 540 a.C. Já passaram mais de quatro décadas de exílio. Dominação, violência, sofrimento e cansaço! A submissão dos judeus escravos do Império é justificada e propagada pelos ídolos babilônicos! Ao mesmo tempo, à medida que perdura o exílio, cresce o número dos deportados que abandonam a religião de origem e assumem os costumes e a religião da Babilônia: Marduk, o panteão babilônico, seus cultos e suas imagens. É a “idolatria” que seduz, aliena e explora o povo. Esta deve ter sido a principal preocupação e crítica do Segundo Isaías contra os deportados alienados e seduzidos: “Eles não sabem e não entendem, porque seus olhos estão grudados para não ver, e sua inteligência não pode mais compreender” (Is 44,18).

No mundo do império grego, a idolatria faz parte do meio de alienação, dominação e violência. Basta ler

o livro da Sabedoria (Sb), que descreve a resistência do povo judeu à insensatez dos ídolos utilizados pelos governantes perseguidores na cidade de Alexandria, no Egito, por volta do ano 30 a.C. Embora, nesse período, Alexandria passe a ser administrada por Roma, a condenação à idolatria grega está bem presente no livro da Sabedoria. O autor do livro, piedoso e fiel à educação religiosa recebida dos pais (Sb 2,12), critica a idolatria e a imoralidade dos ímpios “gentios” que fabricam as divindades falsas, ídolos, incluindo as imagens dos animais vivos, que são considerados a encarnação de deuses (o deus Hórus, com a cabeça de Falcão; a deusa Sekmet, com a cabeça de uma leoa etc.):

O oleiro amassa com esforço a argila mole, modela várias vasilhas para nosso uso. Com o mesmo barro modela tanto vasos para uso nobre como aqueles que se destinam a outros fins. É o oleiro que decide o destino de cada um. Depois, em trabalho sem valor, com o mesmo barro faz uma divindade falsa, ele que há pouco tinha nascido da terra e em breve para ela há de voltar, quando lhe for tirada a vida que recebeu por empréstimo. Mas ele não pensa que está destinado a morrer e que sua vida é breve. Pelo contrário, compete com os que trabalham com ouro e prata, imita os que modelam com bronze e se gloria de fazer coisas falsas (Sb 15,7-9).

O fabricante de ídolos, chamado “oleiro”, amassa a argila e fabrica vasos úteis para vários fins, e também uma “divindade falsa”. Ele próprio, modelado por Deus Criador, agora modela divindades. A vida é criada pela gratuidade de Deus para o bem comum de todos. Mas o fabricante de ídolos não reconhece seu Criador (Sb 15,11). Pois a finalidade da fabricação não é guiada pelo

sopro da gratuidade, mas sim pela ganância do lucro: “Ele considera que nossa existência é um jogo, e a vida seria algo lucrativo. Ele diz: ‘É preciso aproveitar-se de tudo, até do mal’. Realmente, mais do que todos os outros, ele sabe que está pecando, fabricando, de matéria terrena, tanto vasos frágeis como estátuas de ídolos” (Sb 15,12-13).

Para fins lucrativos, alimentado pelo espírito da helenização (a busca desenfreada de bens, poder e prazer: cf. Sb 1,16-2,20), o fabricante de ídolos não hesita em “pecar”, ou seja, praticar a manipulação, a opressão, a injustiça e a violência contra o povo: “Em toda parte se encontra confusão: sangue e crime, roubo e fraude, corrupção, infidelidade, revolta, perjúrio, inversão de valores, esquecimento da gratidão, contaminação das almas, perversão sexual, desordens nos casamentos, adultério e indecência” (Sb 14,25-26).

Por isso, a crítica do autor do livro da Sabedoria atinge a essência do culto aos deuses, representados por animais vivos, que os governantes do Império utilizaram para produzir a manipulação, a injustiça e a exploração: “Os olhos desses ídolos não conseguem ver, o nariz deles não respira, os dedos de tais mãos não apalpam e os pés deles não são capazes de andar. Foi um ser humano que os fez” (Sb 15,15-16a; Sl 115/113B,44-8). Os ídolos não passam de imagens que, na verdade, não têm olhos, ouvidos, boca, mãos, dedos nem pés. A característica desses deuses é a insensibilidade e a inatividade diante do sofrimento dos pobres (Sl 115,4-7; 135,15-17) e oprimidos, e transmitem essa insensibilidade e falta de compaixão a todas as pessoas que os adoram (Sl 115,8; 135,18; Jr 2,5; 2Rs 17,15). Não são capazes nem de escutar e atender as orações dos fiéis no culto.

Os governantes do império romano, sucessor do império grego, continuam utilizando a idolatria para produzir

a manipulação, a exploração e a opressão. Os ídolos são apresentados por várias imagens:

Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe agradeceram. Ao invés disso, tornaram-se vazios em seus pensamentos, e seu coração insensato ficou na escuridão. Vangloriando-se de ser sábios, tornaram-se tolos, e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens de seres humanos corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis (Rm 1,21-23).

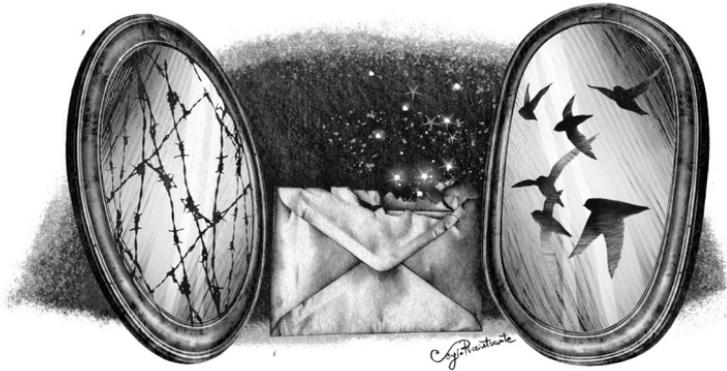
Uma das imagens mais utilizadas é a do imperador. A estátua do imperador, por exemplo, estava no centro do culto ao imperador, que se espalhou pela Grécia, pela Ásia Menor e por outras partes do império romano. Por meio de sacrifícios, rituais, jogos públicos e festas, eram celebrados a supremacia do imperador e os benefícios da ordem imperial. O imperador era honrado e adorado entre os grandes deuses, para efetuar o poder e a dominação nos âmbitos social e religioso. O poder da propaganda ideológica e religiosa da imagem do imperador é descrito no Apocalipse:

Ela [falso profeta: Ap 16,13] recebeu a permissão de infundir espírito na imagem da primeira Besta [imperador], para que esta imagem pudesse falar. E ainda: podia fazer com que todos os que não adorassem a imagem da primeira Besta fossem mortos. Ela também faz com que todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, recebam uma marca na mão direita ou na frente. Assim, ninguém pode comprar nem vender, a não ser que tenha a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome (Ap 13,15-17).

Graças à propaganda do falso profeta, o poderio do imperador, com sua imagem (idolatria), controla a ação (mão direita) e o pensamento (frente) de toda a população. O Império controla até toda a economia (comprar e vender), a vida cotidiana do povo, a serviço da riqueza e do poder. Quem se aliena das manifestações magníficas da idolatria do Império e não se submete a seu poder e sua dominação corre risco de prisão e de morte: “Se alguém tem ouvidos, ouça: Se alguém deve ir para a prisão, vai mesmo para a prisão. Se alguém está para ser morto pela espada, será morto pela espada” (Ap 13,9-10).

Hoje, como ontem, a idolatria do Império, na busca desenfreada de riqueza e de poder, continua muito presente. Os falsos deuses se personificam nos ídolos com as imagens poderosas e magníficas, que produzem alienação, dominação, violência, escravidão e morte, no lugar de liberdade, fraternidade e vida. Como é possível dizer que é cristã uma sociedade na qual os detentores ambiciosos da economia, da política e da religião fabricam ídolos que devoram os pobres e os sofredores? Em que sentido é cristã uma ação evangelizadora que não denuncia nem combate a alienação, a dominação e a violência produzidas pelos impérios de hoje?

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: Ter discernimento na busca da verdade e da justiça.

PERSONAGENS: Javé, Ezequiel, outros profetas.

TEXTO: Ez 13,1-16.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra de Javé, dia de Javé, visões mentirosas, previsões erradas, muro e ira.

PERSPECTIVA: Diante de tantas mentiras e enganos, discernir qual é a vontade de Deus e empenhar-se na construção de uma sociedade da verdade e da paz.

“Eles desviaram meu povo, falando de paz, quando não havia paz. Basta o povo levantar um muro e lá estão eles rebocando com massa” (Ez 13,10).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, uma vela acesa, fotos ou nomes de alguns profetas do nosso tempo, por exemplo, Dom Helder, Irmã Dorothy, Margarida Alves, Dom Pedro Casaldáliga e outros nomes conhecidos pela comunidade.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Que bom que estamos aqui para rezar e celebrar a Palavra de Deus presente na Bíblia e em nossa vida. Que a Trindade Santa ilumine e acompanhe o nosso encontro.

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Vamos nos acolher mutuamente com um olhar e um sorriso. *Tempo para fazer o gesto.* Peçamos ao Espírito de Deus que nos fortaleça em nossa missão profética de construtoras e construtores de uma sociedade justa e solidária. Cantemos.

*Sugestão: Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão.
Se fecharem os poucos caminhos, mil trilhas nascerão.
Muito tempo não dura a verdade nestas margens estreitas demais, Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.
É Jesus este pão de igualdade, viemos pra comungar com a luta sofrida do povo, que quer ter voz, ter vez, lugar.
Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar.
Com a fé e a união, nossos passos um dia vão chegar.*

Dirigente: No encontro anterior, refletimos sobre os crimes de Jerusalém praticados pelos governantes e também olhamos para a nossa realidade e para o des-caso de nossos líderes políticos e de algumas lideranças religiosas com a vida sofrida do povo. Alguém gostaria

de falar sobre como vivenciou o gesto concreto? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto sugerido pelo grupo.*

Dirigente: Vamos dizer, em voz alta, o tema do encontro de hoje: *Ter discernimento na busca da verdade e da justiça.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em tempo de catástrofe, de crise e de insegurança, como pandemia, guerra ou desastres naturais, cada vez mais violentos devido à mudança climática provocada pela ganância e pelo desrespeito da humanidade ao meio ambiente, as pessoas se sentem fragilizadas e se agarram a qualquer mensagem que possa garantir-lhes o mínimo de esperança e de consolo. Um tempo propício para o surgimento de falsos profetas, que agem segundo seus próprios interesses, transmitindo mensagens falsas e até mesmo falando em nome de Deus, explorando a fé das pessoas. São as famosas “*fake news*” em nome de Deus ou de alguma autoridade política e religiosa, gerando desinformações que circulam via jornal impresso, televisão, rádio e redes sociais. Por causa das notícias falsas, muitas pessoas deixaram de tomar a vacina contra a Covid-19, chegando a perder a própria vida.

Dirigente: Diante de tantas notícias falsas e boatos, como nós ajudamos as pessoas ao nosso redor a buscar a verdade e a justiça? Como pessoas cristãs, qual é a nossa missão? Como nós nos posicionamos diante das mentiras e enganações em nome de Deus? *Tempo para conversar.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo de Ezequiel, também surgiram os profetas da corte, que encobriam os problemas

de Jerusalém, a cidade cheia de crimes e violência. Mesmo antes de Ezequiel, vários profetas da corte abusaram de sua função, inventando proclamações a serviço do interesse dos governantes injustos, sem considerar a situação sofrida do povo (Mq 3,5-12; Jr 14,13-14). Esses profetas foram considerados falsos, chamados de “fanfarrões e mestres de traição” (Sf 3,4). Em tempo de crise e calamidade, ontem e hoje, os falsos profetas proliferam: eles mascaram a realidade e alienam o povo em nome de Deus. No reinado de Sedecias, o último rei de Judá (597-587 a.C.), pela política militarista e expansionista para aumentar o poder e a riqueza dos governantes, os profetas da corte, como Hananias (Jr 28), pregaram a aliança com o Egito e a guerra contra a Babilônia (17,5-21), provocando nova invasão e destruição, aumentando ainda mais o sofrimento do povo. O profeta Ezequiel criticou e chamou de estúpidos esses profetas, que inventaram profecias, propagando a ilusão de uma Jerusalém fortificada (“muro rebocado”) e pregando a falsa segurança (“paz”) diante da destruição iminente da nação, imposta pelo exército da Babilônia (13,1-16).

5. Leitura do texto

Leitora ou leitor 3: Ler Ez 13,1-16.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Quais mentiras os falsos profetas pronunciam?
- b) Quais os interesses dos profetas ao pronunciar as falsas mensagens?
- c) Como o profeta Ezequiel compreende a vontade de Javé?
- d) Qual o castigo para os falsos profetas?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Como pessoas cristãs, seguidoras de Jesus de Nazaré, somos chamadas e chamados a discernir as notícias que recebemos, buscando estabelecer a verdade e a justiça. Em meio a tantas mentiras e enganos, temos o compromisso social de buscar esclarecer onde está a verdade, e isso é possível por meio do diálogo e da reflexão em nossos grupos sociais.

- a) Como nós e nossas comunidades colaboramos na construção de uma sociedade da verdade e da paz?
- b) Quem são os falsos profetas hoje?
- c) Qual o rosto de Deus que nós comunicamos para as pessoas que estão ao nosso redor?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos agradecer a Deus pelas profetisas e pelos profetas do nosso tempo. À nossa frente, temos alguns nomes de pessoas que se doaram na construção de uma sociedade da justiça e da verdade. Existem muitas pessoas em nossas comunidades que, no dia a dia, colaboram para que o mundo seja melhor. Podemos, neste momento, dizer em voz alta o nome dessas pessoas. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Como essas pessoas, nós também queremos nos comprometer com o projeto de Deus expresso na oração do Pai-nosso. De mãos dadas, rezemos: *Pai nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ez 37,1-14, e quem puder leia as orientações em preparação ao terceiro

encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Assumir na própria vida o conselho da carta de Tiago: “Cada um seja rápido para escutar, mas lento para falar e vagaroso para ficar com raiva” (Tg 1,19). Exercitar a escuta diante da pessoa que precisa, o silêncio em relação às fofocas ou maledicências e a paciência com as pessoas ao nosso redor.

10. Bênção final

Dirigente: Que o Deus da paz nos ajude a ser pessoas construtoras da paz e da justiça. Que a bênção de Deus pai-mãe desça sobre cada uma e cada um.

Todas(os): Amém.

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: *Combate aos falsos profetas da corte*

Na história da monarquia de Judá, surgem vários profetas que abusam do seu ofício (função) para lançar mensagens inventadas a serviço do interesse dos governantes injustos, e não do bem-estar do seu povo. Em tempo de crise e calamidade, os falsos profetas proliferam: eles dissimulam e, em nome de Deus, fazem o povo acreditar e ter medo de coisas que não existem ou não são fundamentais, desviando o olhar dos problemas reais. Querem que o povo escute somente a eles, para isso até exploram sua fé e sua religiosidade.

Isaías, profeta e conselheiro de três reis de Judá – Joatão, Acaz e Ezequias (740-700 a.C.) –, por exemplo,

combate os profetas da corte que lançam mensagens falsas em favor do interesse e da maldade dos governantes de Jerusalém, no reinado de Ezequias:

Pois esse povo é rebelde, é gente mentirosa, que não quer ouvir a lei de Javé. Eles dizem aos videntes: “Não tenham visões”. Dizem aos profetas: “Não profetizem com sinceridade; falem para nós somente coisas agradáveis; profetizem ilusões; afastem-se do caminho, retirem-se da estrada; parem de querer colocar diante de nós o Santo de Israel” (Is 30,9-11).

Isaías, formado na escola de Jerusalém (Is 6), prega que a monarquia davídica é um instrumento de Javé oficial para realizar a salvação do povo (Is 9,1-6). Os governantes de Jerusalém devem promover a vida, na justiça e na fraternidade, a serviço do povo. Eles, porém, traem a sua missão, praticam a opressão e a maldade (Is 30,9-17), e procuram, no reinado de Ezequias, a aliança com o Egito, fazendo uma política militarista e expansionista, propagada pelos falsos profetas da corte (Is 28,7-13; 30,1-7; 31,1-3). A política expansionista provoca a invasão da Assíria no ano 701 a.C., aumentando ainda mais o sofrimento do povo, já explorado por seus próprios governantes (2Rs 18,13-16; cf. Mq 1,8-16).

A mesma crítica contra os profetas da corte de Ezequias é pronunciada por Miqueias, um profeta dos camponeses da região da Sefelá, uma terra de conflito e de grilagem (Mq 2,1-3). Ele denuncia a opressão e a maldade, praticadas pelos governantes de Jerusalém (Mq 3,9-10). Uma das críticas se dirige aos profetas da corte:

Javé assim diz contra os profetas que extraviam meu povo, que anunciam a paz quando têm algo para mastigar, mas declaram guerra contra os que nada

lhes põem na boca: Por isso, vocês terão noite em lugar de visões; escuridão em vez de oráculo. O sol se esconderá sobre esses profetas, a luz do dia se apagará sobre eles. Os videntes ficarão envergonhados, os adivinhos ficarão confusos. Todos cobrirão a barba, porque Deus não responderá (Mq 3,5-7).

Miqueias denuncia os profetas mercenários que proclamam oráculos mediante pagamento, justificando a opressão e a violência praticadas pelos governantes, em nome de Javé: “Seus sacerdotes ensinam a troco de lucro e seus profetas dão oráculos por dinheiro. E ainda ousam apoiar-se em Javé, dizendo: ‘Por acaso, Javé não está no meio de nós?’” (Mq 3,11).

Na menoridade do rei Josias (640-620 a.C.), o profeta Sofonias também dirige suas críticas aos profetas da corte. Ele, como porta-voz dos pobres da terra (Sf 2,1-3), acusa os falsos profetas e outros governantes de violar a lei em defesa da vida, transformando Jerusalém numa cidade opressora:

Ai da rebelde, da manchada, da cidade opressora!
Cidade que não escutou o chamado, que não aprendeu a lição. Ela não confiou em Javé, nem se aproximou do seu Deus. Seus oficiais são leões que rugem; seus juízes são lobos à tarde, que não comeram nada desde o amanhecer; seus profetas são uns fanfarrões, mestres de traição; seus sacerdotes profanam as coisas santas e violentam a lei de Deus (Sf 3,1-4).

Apesar do alerta e do conselho dos profetas “autênticos”, a serviço da vida do povo sofrido, os últimos reis de Judá continuam executando a política expansionista e militarista, justificada por seus profetas “fanfarrões e

mestres de traição”. Jeremias, profeta dos camponeses, lança vários oráculos contra os falsos profetas da corte:

- “Porque, do pequeno até o grande, são todos gananciosos. Desde o profeta até o sacerdote, são todos contadores de mentiras. Sem responsabilidade, querem curar a ferida do meu povo, dizendo: ‘Paz! Paz!’, quando não existe paz. Eles deviam envergonhar-se, porque praticaram abominações. Mas não se envergonham, nem sabem o que é sentir vergonha” (Jr 6,13-15).
- “Então eu disse: Ah! Senhor Javé, os profetas falam: ‘Vocês não verão a espada, não sofrerão a fome, pois eu lhes concederei uma paz perfeita neste lugar’. Javé me respondeu: ‘É mentira o que esses profetas falam em meu nome. Eu não os enviei, não lhes dei ordem nenhuma, nem falei com eles. Eles anunciam a vocês visões mentirosas, oráculos vazios e fantasias da imaginação deles” (Jr 14,13-14).
- “Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Não se deixem enganar pelos profetas que existem no meio de vocês. Não escutem os adivinhos nem os sonhos que eles dizem que têm, pois eles profetizam mentiras em meu nome. Eu não enviei nenhum deles – oráculo de Javé” (Jr 29,8-9).

O último oráculo é pronunciado para desmascarar os falsos profetas que prometem a guerra vitoriosa contra a Babilônia e o retorno imediato do grupo da primeira deportação à terra santa (Jr 28). Embora Judá tenha sofrido com a primeira invasão e deportação da Babilônia (597 a.C.), os governantes de Jerusalém, no reinado de Sedecias (597-587 a.C.), tentaram executar a política militarista e expansionista, fazendo aliança com o Egito,

o que provocaria uma segunda invasão, destruição e mais sofrimento para o povo. O profeta Ezequiel reage, critica e chama de estúpidos os falsos profetas, que inventam profecias (13,3), construindo ilusões sobre a segurança da cidade fortificada de Jerusalém, diante da invasão da Babilônia.

Comentado o texto: *Ez 13,1-16 – Contra os falsos profetas*

Como os reis antecessores, o rei Sedecias, por causa da cobiça de poder e riqueza, alia-se ao Egito e se nega a pagar tributo para a Babilônia, a partir de 589 a.C. Abusando do seu ofício a serviço do interesse de Sedecias e de seus oficiais, os profetas da corte, como Hananias (Jr 28), pronunciam os oráculos proféticos para propagar a aliança com o Egito, a guerra contra a Babilônia e a volta das elites judaítas deportadas na Babilônia, na primeira deportação. Tudo isso provocaria de novo a guerra, a invasão, a destruição, a deportação e a morte.

Há no livro de Ezequiel uma forte reação e crítica aos chamados falsos profetas por não seguirem a vontade de Javé. Assim, diz Ezequiel:

A palavra de Javé veio a mim nestes termos: “Filho do homem, profetize contra os profetas de Israel. Profetize, e diga aos que profetizam conforme seus próprios interesses. Diga-lhes: Escutem a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé: Ai desses profetas estúpidos, que inventam profecias, coisas que nunca viram, seguindo seu próprio espírito!” (13,1-3).

Os falsos profetas são aqueles que agem tendo em vista seus próprios interesses, para servir aos interesses de quem lhes paga melhor, pronunciando mensagens inventadas em nome de Deus:

Seus oficiais parecem lobos que estraçalham a presa, fazendo correr sangue e destruindo vidas para se enriquecerem. Seus profetas mascaram tudo isso com visões falsas e adivinhações mentirosas, dizendo: “Assim diz o Senhor Javé”, quando Javé não falou nada (22,27-28).

Ezequiel compara os falsos profetas às raposas: “Seus profetas, Israel, parecem raposas no meio de ruínas” (13,4). A raposa, que tem o hábito de buscar comida em cidades em ruínas, reflete a imagem de um animal desprezível e nocivo: “Porque o monte Sião está devastado e por ele passeiam as raposas” (Lm 5,18). Os falsos profetas, então, são comparados à raposa por causa de sua falsidade, astúcia e vergonha (cf. Lc 13,32).

A falsidade dos profetas é apontada: “Vocês não taparam as brechas da muralha, nem construíram muralha para que a casa de Israel pudesse resistir na guerra, no dia de Javé” (13,5). A invasão da Babilônia, considerada como castigo de Deus à infidelidade dos governantes de Jerusalém, é iminente. Porém, pela confiança na aliança com o Egito, os governantes não avaliam corretamente o poderio bélico babilônico, nem fortificam suficientemente a cidade de Jerusalém. Seus profetas encobrem a realidade da iminente invasão e destruição, e lançam mensagens falsas de segurança e de paz.

Ezequiel reage e critica os falsos profetas:

Têm visões inúteis e previsões enganosas, esses que andam dizendo: “Oráculo de Javé”, quando não foi Javé quem os enviou. E ainda ficam esperando que se cumpra a palavra deles! E não é que vocês continuam tendo visões inúteis e fazendo previsões erradas? E ainda dizem que é oráculo de Javé, quando para vocês eu não falei coisa alguma (13,6-7).

Eles não são enviados nem receberam a Palavra de Deus, mas são astutos para inventar visões falsas e têm a ousadia de esperar que Deus as cumpra.

Além das mensagens enganadoras em nome de Deus, os falsos profetas procuram predizer a vontade de Deus mediante a manipulação humana a serviço de seus próprios interesses, pondo a vida do povo em risco. Sendo assim, Ezequiel pronuncia o oráculo de condenação:

Por isso, assim diz o Senhor Javé: Dado que vocês vivem falando coisas à toa e tendo visões falsas, então eu me colocarei contra vocês – oráculo do Senhor Javé. Minha mão pesará em cima desses profetas que têm visões mentirosas e fazem previsões erradas: eles nunca tomarão parte no conselho do meu povo, nem estarão registrados no livro da casa de Israel, nem voltarão para a terra de Israel. Assim, vocês saberão que eu sou o Senhor Javé (13,8-9).

O oráculo de Ezequiel atesta também a presença dos falsos profetas no meio dos primeiros deportados na Babilônia: “nem voltarão para a terra de Israel”. Eles, junto com os profetas da corte de Sedecias, fazem “visões mentirosas” da guerra santa na qual Deus derrotará a Babilônia e libertará os deportados (cf. Jr 29,4-23). Pelas previsões erradas e astuciosas, o Senhor Javé condena e exclui os falsos profetas do “conselho do meu povo” e do “livro da casa de Israel”. Ou seja, eles não pertencerão mais ao povo eleito: “Se o profeta se deixa enganar e diz qualquer coisa, eu, Javé, o deixarei no seu engano; estenderei a mão contra ele e o eliminarei de Israel, meu povo” (14,9; cf. Sl 69,28-29).

As previsões astuciosas dos falsos profetas quanto à segurança (paz) de Jerusalém são desvendadas e criticadas:

Tudo isso porque eles desviaram meu povo, falando de paz, quando não havia paz. Basta o povo levantar um muro, e lá estão eles rebocando com massa. Diga a esses que vivem rebocando com massa: “Vai desabar uma tempestade, vai cair uma chuva de pedra e soprar uma forte ventania”. Quando o muro cair; irão perguntar: “Onde é que está o reboco, aquele com que vocês rebocaram?” (13,10-12).

O muro rebocado para esconder a fragilidade da segurança de Jerusalém significa também as palavras astuciosas e paliativas com as quais os falsos profetas proferem seus oráculos e ocultam aos olhos das pessoas as rachaduras, que representam a infidelidade, a injustiça e os crimes praticados pelos governantes de Jerusalém, incapazes de construir a paz da nação: “Procurei entre eles um homem que fizesse barreira [muro], que ficasse firme na brecha diante de mim por esta terra [nação], para não deixar que eu o destruísse, mas não encontrei ninguém” (22,30).

A ira (castigo) de Javé por causa dos crimes de Jerusalém, que se cumprirá na invasão, na destruição e no exílio, é representada por “furacão”, “tempestade” e “chuva de pedra” para derrubar o muro (Jerusalém):

Por isso, assim diz o Senhor Javé: Em minha ira, mandarei um furacão, com meu furor mandarei uma tempestade e, no auge da minha fúria, uma chuva de pedra. Assim derrubarei o muro que vocês rebocaram com massa; vou fazê-lo cair por terra. Porei à mostra seus alicerces. Ele cairá, e debaixo dele vocês morrerão. Então vocês saberão que eu sou Javé. Deramarei minha ira sobre o muro e sobre aqueles que o rebocaram com massa. Depois, direi a vocês: Já não existe muro, não há mais rebocadores (13,13-15).

De fato, Sedecias e seus oficiais foram massacrados na segunda invasão da Babilônia, a cidade de Jerusalém foi destruída, e muitos dos sobreviventes foram deportados como escravos (cf. 2Rs 25,1-21; Is 42,22). Foi a maior catástrofe nacional de Judá. Um dos fatores que contribuíram para a catástrofe foi a atuação dos falsos profetas: “São esses os profetas de Israel, que profetizam para Jerusalém, anunciando visões de paz, quando não existe paz – oráculo do Senhor Javé” (13,16). Eles lançam as mensagens e visões falsas para encobrir a realidade e criar uma paz inventada. Suas atividades escondem a vontade do Deus da Vida: enganando as pessoas com falsas promessas, afastam-nas de Deus e impelem-nas para a morte. A profecia está no jogo da vida e da morte!

Aprofundando: *Hananiah versus Jeremias: quem é o verdadeiro profeta?*

Em 602 a.C., o rei Joaquim se recusa a pagar tributo à Babilônia por causa da cobiça do poder e da riqueza. O seu filho Joaquin/Jeconias segue a mesma política militarista e expansionista de seu pai. Em 597 a.C., o exército da Babilônia invade Judá, destrói as cidades do interior no caminho para Jerusalém e toma a capital, e então há deportação e saque:

O rei da Babilônia, Nabucodonosor, chegou à cidade quando seus generais a tinham já sitiado. Joaquin, rei de Judá, ele com sua mãe, seus servos, oficiais e eunucos, saíram ao encontro do rei da Babilônia, que os fez prisioneiros. Era o oitavo ano do seu reinado. Nabucodonosor levou embora todos os tesouros da Casa de Javé e os tesouros do palácio real (2Rs 24,11-13).

O rei Sedecias, nomeado por Nabucodonosor, se submete aos babilônios no primeiro momento, mas, posteriormente, pressionado por seus oficiais, executa a mesma política expansionista de seu antecessor e se rebela contra a Babilônia, em 589 a.C. A rebelião foi incentivada pelos profetas da corte, como Hananias, em nome de Javé:

Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Quebro o jugo do rei da Babilônia. Dentro de dois anos vou trazer de volta para este lugar todos os objetos da Casa de Javé que Nabucodonosor, rei da Babilônia, pegou e levou para a Babilônia. Também vou trazer de volta Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e todos os exilados de Judá levados para a Babilônia – oráculo de Javé – porque vou quebrar o jugo do rei da Babilônia (Jr 28,2-4).

O profeta Hananias, que representa os governantes de Jerusalém, declara a guerra santa contra a Babilônia, a potência máxima em toda a região. Parece que ele está assumindo ser porta-voz de Javé e declarando a guerra de libertação. Porém, por trás da guerra santa, se esconde o real interesse dos governantes. Eles desejam, primeiramente, a volta de todos os objetos da Casa de Javé (templo de Jerusalém), o centro de culto, ensinamento, arrecadação, para manter e aumentar o poder e a riqueza.

Diante dos profetas da corte que propagam a nova rebelião contra o império da Babilônia, Jeremias, profeta dos camponeses, anuncia o contrário:

Aos sacerdotes e a todo o povo eu disse: Assim diz Javé: Não escutem esses profetas que lhes profetizam, dizendo: “Vejam! Logo, logo, os objetos da Casa de Javé serão trazidos de volta da Babilônia”. É mentira o que eles profetizam. Não façam caso deles.

Aceitem ser servos do rei da Babilônia, que vocês ficarão vivos, e esta cidade não se transformará em ruínas (Jr 27,16-17).

Jeremias anda com a canga de madeira no pescoço, para encenar a vassalagem política ao império babilônico (Jr 27,1-12). Para ele, não há outra possibilidade de sobrevivência a não ser a submissão à Babilônia. A rebelião só serviria para desencadear uma repressão violenta por parte do Império, o que provocaria mais sofrimento e a morte do povo. Em oposição a Hananias, com o interesse dos governantes em busca de poder e riqueza, Jeremias busca a sobrevivência do povo, já explorado e oprimido por seus próprios governantes. A vida está acima de tudo para o verdadeiro profeta do Deus da Vida!

A ação profética de Jeremias em favor da vida do povo transparece bem em sua resposta ao oráculo de Hananias em nome de Javé oficial, propagado pelos governantes injustos de Jerusalém:

O profeta Jeremias respondeu ao profeta Hananias, dizendo: “Amém! Que assim faça Javé. Que Javé confirme o que você profetizou, trazendo da Babilônia para cá os objetos da Casa de Javé e todos os exilados. Entretanto, escute o que vou dizer a você e a todo o povo: Os profetas que existiram antes de mim e antes de você, desde os tempos antigos, profetizaram guerra, calamidade e peste para muitas nações e reinos poderosos. E quanto ao profeta que prometia paz, só quando sua profecia se realizar é que ele será reconhecido como profeta realmente enviado por Javé” (Jr 28,5-9).

No oráculo, manifestam-se os principais pensamentos e atitudes de um verdadeiro profeta, que promete, anuncia

e busca a paz e o bem-estar do povo em nome de Javé popular, Deus da Vida. Eis aqui as principais características de procedimento do profeta autêntico segundo Jeremias:

- a) Conceito da paz: “Sem responsabilidade, querem curar a ferida do meu povo, dizendo: ‘Paz! Paz!’, quando não existe paz” (Jr 6,14). O termo “paz” exprime não apenas a ausência de perigo externo (guerra), mas todo um ideal de vida digna e feliz do povo (Sl 128). Por isso, a verdadeira paz só pode provir da justiça, e o verdadeiro profeta deve promover as ações de solidariedade (justiça) e de promoção da vida, sobretudo dos pobres e sofredores. Há uma paz falsa, que é a injustiça estabelecida.
- b) Ver a realidade sofrida do povo: “Ela [Jerusalém] é uma cidade sentenciada, pois dentro dela só existe opressão. De dentro dela só brota maldade, como brota água de um poço. Violência e opressão é o que se ouve nela. Ferida e sofrimento estão sempre diante de mim” (Jr 6,6-7). Ao ver a realidade do povo sofrido e oprimido por seus próprios governantes, Jeremias desmascara os falsos profetas e expõe a falsidade de suas promessas: a guerra santa e a volta dos objetos da casa de Javé e de todos os exilados (elite) da primeira deportação.
- c) Julgar a realidade a partir da experiência histórica: “Depois que Hananias quebrou a canga que estava no pescoço de Jeremias, veio a Jeremias a palavra de Javé: ‘Vá dizer a Hananias o seguinte: Assim diz Javé: Você quebrou uma canga de madeira, e eu vou substituí-la por uma canga de ferro” (Jr 28,12-13). Segundo a experiência histórica da rebelião do rei Joaquim e seus falsos profetas (Jr 26,1-18), a nova insurreição contra a Babilônia

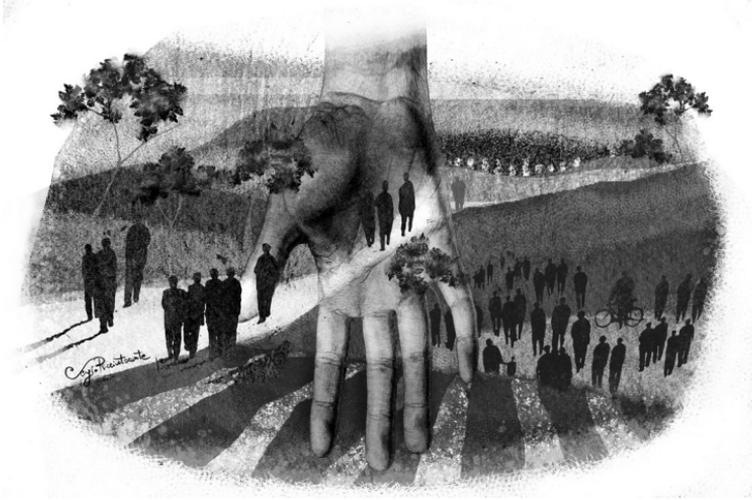
traria a “canga de ferro”, que representa a repressão mais severa do Império e mais sofrimento para o povo.

- d) Agir em favor do povo: “O profeta Jeremias falou ao profeta Hananias: ‘Escute-me, Hananias: não foi Javé quem mandou você, e você está fazendo esse povo acreditar numa mentira’” (Jr 28,15). Apesar de sofrer com a perseguição e até a ameaça da morte (Jr 38,1-6), Jeremias não deixa de denunciar a injustiça contra o povo.

“Violência e opressão é o que se ouve nela. Ferida e sofrimento estão sempre diante de mim”, diz o profeta Jeremias. A denúncia do profeta continua sendo muito atual, basta olhar de perto a vida cotidiana do povo brasileiro: mais de 33 milhões de pessoas não têm o que comer todos os dias, num país tão rico, um dos maiores produtores de alimento do mundo!

Infelizmente, muitos cristãos olham para o mundo e se fecham, sem cultivar um olhar crítico para a vida em sociedade e para a realidade injusta e desumana. A sensibilidade para as injustiças, a compaixão e a solidariedade para com os que são explorados, marginalizados e até mesmo assassinados parecem perder espaço para o individualismo e para a indiferença cúmplice. Uma das causas é a presença ativa de falsos profetas, que lançam mensagens e visões, incluindo a interpretação fundamentalista da Bíblia, para encobrir a realidade do aumento da multidão de pobres injustiçados e excluídos, em razão da ganância, da corrupção e da concentração de riquezas e de poder por uma minoria. Talvez o profeta Jeremias anseie voltar a dizer para os falsos profetas de hoje: “Sem responsabilidade, querem curar a ferida do meu povo, dizendo: ‘Paz! Paz!’, quando não existe paz”.

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: O Espírito de Deus nos faz reviver.

PERSONAGENS: O profeta, Javé, o Espírito e a casa de Israel.

TEXTO: Ez 37,1-14.

PALAVRAS-CHAVE: Mão de Javé, espírito de Javé, ossos secos, reviver, profetizar, quatro ventos, túmulos.

PERSPECTIVA: Acreditar que o Espírito e a mão de Deus conduzem a nossa vida, reavivando nossas esperanças de justiça, fraternidade e solidariedade.

“Vou infundir um espírito, e vocês reviverão” (Ez 37,5).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, uma vela acesa, um vaso com flores e balões vazios.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Façamos memória da Trindade Santa que habita em nós. Peçamos que o Espírito de Deus infunda em nós novas esperanças de vida. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todas(os): Amém.

Dirigente: Vamos abrir nosso coração para que o Espírito de Deus nos traga um vento novo de vida, esperança e alegria. Em voz alta, vamos repetir o tema do encontro: *O Espírito de Deus nos faz reviver.*

Cantemos: Vem, vem, vem! Vem, Espírito Santo de amor! Vem a nós, traz à Igreja um novo vigor.

Presente no início do mundo, presente na criação, do nada geraste a vida, que a vida não sofra no irmão.

Presença de força aos profetas, que falam sem nada temer, contigo sustentam o povo na luta que vão empreender.

Presença que gera esperança, Maria por Ti concebeu. No povo renasce a confiança, ó Espírito Santo de Deus.

Presença com força de vida, presença de transformação. Tiraste a vida da morte, em Cristo, na ressurreição.

Dirigente: No encontro anterior, o gesto concreto era ter uma atitude de escuta, silêncio e paciência em nossas relações. Alguém gostaria de compartilhar como foi a vivência desse gesto? *Tempo para a partilha.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Na maioria de nossas cidades, especialmente nas cidades grandes, encontramos um

número crescente de pessoas em situação de rua, vivendo de maneira precária, longe de suas famílias, correndo vários riscos, muitas sem documento algum e sem perspectivas de mudança. Existem grupos de voluntários que ajudam a regularizar a documentação dessas pessoas para que elas possam levantar-se (tomar consciência) e ter acesso à cidadania.

Dirigente: Como nós nos aproximamos das pessoas que vivem em situação de rua? Quais iniciativas existem em nossa paróquia ou comunidade que ajudam as pessoas mais necessitadas? Como nós nos comprometemos com os trabalhos sociais de nossa comunidade ou de nosso bairro? *Tempo para conversar sobre essas questões. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A situação do povo da Bíblia não era diferente da nossa. Dez anos depois da primeira deportação, o exército babilônico destruiu Jerusalém e deportou uma segunda leva de judeus, em 587 a.C. Os exilados na Babilônia viveram uma situação de desespero e desolação, e foram descritos no texto como “ossos secos” e “túmulo” (Ez 37,1-14). Longe da sua terra, Jerusalém, sem rei e sem Templo, eles estavam sob a ameaça de perder sua própria identidade e sua razão de viver: “nossa esperança se foi. Para nós, tudo acabou” (37,11; cf. 20,32; 33,10). Nesse contexto, o profeta anuncia a conversão e a restauração do povo pelo espírito (vento) de Deus. O Espírito transforma primeiro os ossos secos em cadáveres, depois os cadáveres em seres vivos, que marcham como “um exército imenso” (37,10). É a ação eficaz de Deus Javé que cria a vida, forma consciência e organiza a ação comunitária. A visão dos “ossos cobertos de Espírito” em Ez 37,1-14 pretende suscitar a esperança nos deportados de ontem e de hoje.

5. Leitura do texto

Dirigente: Na certeza da presença de Deus em nossa vida por meio da solidariedade, cantemos:

Chegou a hora da alegria, vamos ouvir esta Palavra que nos guia (bis).

Tua Palavra vem chegando bem veloz, por todo canto hoje se escuta a tua voz.

Nada se cria sem a força e o calor que saem da boca de Deus, nosso criador.

Leitora ou leitor 3: Ler Ez 37,1-14.

Dirigente: *Para conversar.*

- a) Qual a situação dos judeus exilados na Babilônia que transparece no texto?
- b) Como Deus transforma os cadáveres (exilados mortos) em seres vivos?
- c) O que significa a imagem dos cadáveres revividos e colocados de pé, formando um “exército imenso”?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Ao receber e aceitar o Espírito de Deus, o povo se converte, toma consciência de sua dignidade de filho(a) do mesmo Deus, se levanta, se reúne e se organiza como grande exército, para lutar pela vida e pela restauração de Israel. O Espírito restitui a vida ao povo, que parecia morto e sem esperança por causa do exílio e da dispersão (os ossos secos e o túmulo). O povo vai recuperar a consciência, a unidade e a força (um exército imenso) sob o poder do Espírito de Deus. O Espírito de criação, profecia e sabedoria.

- a) Como reconhecemos a presença do Espírito de Deus em nossa vida?
- b) Quais esperanças e sonhos trazemos no nosso coração?
- c) De que forma a nossa ação missionária pode ajudar a trazer vida nova para as pessoas que estão desoladas?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, cada pessoa receberá um balão vazio. Enquanto enchemos esse balão, vamos pensar no sentido de nossa vida e de nossa missão como seguidoras e seguidores de Jesus. *Tempo para encher os balões.* Podemos brincar com os balões cheios, jogando-os para o ar. Com esse gesto, queremos pedir que o Espírito torne a nossa vida leve e livre de todos os preconceitos que nos distanciam uns dos outros. Do jeito que somos, queremos dar a nossa colaboração para a construção de uma sociedade digna. Com os balões no centro, podemos rezar a oração ao Espírito Santo, do 15º Intereclesial.

Todas(os): *Ó grande Espírito, teu sopro infunde vida em todo canto e em cada ser do universo. Alimenta nossa razão sensível e nossa solidariedade global, pois tudo está interligado. Direciona o nosso olhar para novos caminhos de liberdade e consciência da Casa comum. Amém.*

Dirigente: Rezemos a oração do Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ez 34,1-16, e quem puder leia as orientações em preparação ao quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

O grupo poderá organizar uma coleta de alimentos não perecíveis para ajudar uma família necessitada.

10. Bênção final

Dirigente: Peçamos que o Espírito de Deus possa reavivar em nós a esperança. Vamos repetir juntos: “*Vou infundir em vocês um espírito, e vocês reviverão*”. “*Espírito, venha dos quatro ventos e sopra sobre nós*”. “*Colocarei em vocês o meu espírito, e vocês reviverão*”. Que a bênção de Deus Pai e do seu Filho Jesus desça sobre todos e todas.

Todas(os): Amém.

Orientações para o terceiro encontro

Situando o texto: *Cantos de luto, resistência e esperança*

O livro das Lamentações (Lm) reúne cantos de luto sobre a destruição do Templo e a devastação de Jerusalém e de outras cidades de Judá por Nabucodonosor, rei da Babilônia, em 587 a.C. Esse livro inicia-se com um lamento sobre a tragédia da cidade santa:

Ai! Como está solitária a Cidade populosa! A primeira entre as nações está como viúva; a princesa entre as províncias, agora sujeita a trabalhos forçados. Banhada em lágrimas a face, passa a noite chorando. De todos os seus amantes, não há nenhum que a console. Todos os seus aliados a traíram, tornando-se para ela inimigos (Lm 1,1-2).

A dor da tragédia é maior, pois os povos vizinhos de Judá (“amantes” ou “aliados”), como Edom e Moab,

auxiliaram o exército babilônico a saquear e a destruir Jerusalém (16,37). Os sinais de violência e de morte aparecem descritos em toda parte do livro das Lamentações:

- “Jerusalém recorda os dias de miséria e aflição, quando seu povo caía em mãos do inimigo e ninguém o socorria. Ao vê-la, seus inimigos riam de sua queda” (Lm 1,7).
- “Em lágrimas se derretem meus olhos, minhas entranhas fervem; minha bÍlis se derrama pelo chão, por causa da ruína da filha do meu povo, enquanto crianças e bebês desfalecem pelas ruas da cidade” (Lm 2,11).
- “Consumiu minha carne e minha pele, e quebrou meus ossos. À minha volta armou um cerco de veneno e amargura, e me fez habitar nas trevas como os que morreram há muito tempo” (Lm 3,4-6).

Mais do que narrar a tragédia e a situação de trevas e morte, as Lamentações expressam, de modo doloroso e poético, a reflexão e o sentimento dos sobreviventes: angústia, abandono, arrependimento, pedido de perdão. Pois, para eles, a desgraça nacional é consequência da ira (o castigo) do Deus do Templo, por causa da infidelidade (pecado) do povo, sobretudo dos governantes, à aliança com Deus:

- “No ardor da sua ira, cortou o poder de Israel; cruzou os braços, quando o inimigo atacava; acendeu Jacó como tocha, tudo queimando em volta” (Lm 2,3).
- “O pecado da filha do meu povo foi na certa maior que o de Sodoma, pois Sodoma foi destruída de uma vez, sem ninguém agredi-la” (Lm 4,6).

- “Pelos pecados dos profetas e pelos crimes dos sacerdotes é que derramaram sangue inocente dentro da cidade” (Lm 4,13).

Javé oficial, o Deus da aliança e do Templo, não compactua com o pecado e castiga severamente os pecadores. Exige do povo pecador profunda conversão e penitência pela restauração da aliança: “Sentam-se no chão em silêncio os anciãos da filha de Sião; jogam poeira na cabeça, vestidos de sacos” (Lm 2,10). Porque a lamentação, a conversão e a penitência abrem o caminho da esperança e da salvação. Pois quem não tem esperança não lamenta nem se converte. O tom de esperança também ecoa nas Lamentações:

- “Lembra-te de minha miséria e sofrimento, do fel que me envenena. Guardo triste essa lembrança e me sinto abatido. Mas existe uma coisa que eu lembro e que me dá esperança: a misericórdia de Javé nunca se acaba, e sua compaixão não tem fim. Elas se renovam a cada manhã: ‘Como é grande tua fidelidade!’ Digo a mim mesmo: ‘Javé é minha herança’, e por isso nele espero” (Lm 3,19-24).
- “Javé é bom para os que nele esperam e o procuram. É bom esperar em silêncio a salvação de Javé. É bom para o homem suportar o jugo desde a juventude” (Lm 3,25-27).

As Lamentações provavelmente foram escritas na Palestina. Diante do desastre nacional, cantos de luto e de esperança dos judeus sofridos foram compostos, selecionados, sintetizados e editados. Lá para a Babilônia uma parte dos judeus foi exilada: “Judá foi para o exílio, humilhada e em dura escravidão; foi habitar entre as

nações, onde não encontra mais repouso. Seus perseguidores alcançaram-na em lugares sem saída” (Lm 1,3).

As experiências e reflexões de violência, humilhação, angústia, abandono, infidelidade, arrependimento, esperança são também contadas, partilhadas, registradas e escritas pelos grupos de judeus exilados na Babilônia. Uma das reflexões está registrada, em forma de visão, no livro de Ezequiel: ossos secos e túmulo, em Ez 37,1-14. Como a mensagem das Lamentações, a visão de ossos e do túmulo descreve a situação de um povo morto e, ao mesmo tempo, a esperança pela restauração da vida pelo Espírito de Deus.

Comentando o texto: *Ez 37,1-14 – Visão de ossos, espírito e esperança*

Eis aqui uma das visões mais conhecidas de Ezequiel: “um vale cheio de ossos”. Na visão, o espírito, ou o vento, de Deus desencadeia seu dinamismo criador, transforma primeiro os ossos secos em cadáveres, depois os cadáveres em seres vivos, que marcham como “um exército imenso” (37,10). Os ossos secos simbolizam o povo deportado na Babilônia, cuja esperança de retorno à pátria e de restauração de Israel parecia perdida (37,11). O povo vai recuperar a consciência, a unidade e o poder, sendo descrito como um exército imenso, sob a força do Espírito de Deus. É a visão que passa da morte para a vida!

A visão se inicia com a ação de Deus: “A mão de Javé pousou sobre mim, e o espírito de Javé me levou e me deixou num vale cheio de ossos” (37,1). A “mão de Javé” é uma expressão usada sete vezes em Ezequiel (1,3; 3,14.22; 8,1; 33,22; 37,1; 40,1) para descrever como o Espírito de Deus vem sobre o profeta em visão (11,24). Ao mesmo tempo, a expressão “mão de Deus” em si já manifesta a presença, o poder, a grandeza, a santidade e a majestade

de Deus, ao que o autor chama de “Glória de Javé” (1,28; 3,12; 8,4; 9,3; 10,4; 31,18 etc.).

Na visão revelada pela mão de Deus, o Espírito de Deus, a ação eficaz do Criador (Gn 1,2), leva e deixa o profeta num vale cheio de ossos. O vale, uma depressão alongada entre montes, tradicionalmente é considerado como rasgo na terra dos vivos que se aproxima do reino dos mortos. Em Ezequiel, a mesma palavra hebraica para “vale” (37,1) é usada em Ez 3,22-23, onde o julgamento havia sido pronunciado anteriormente. Agora, no mesmo vale, em Ez 37,1-14, o castigo (ossos secos, cadáveres), a conversão (os seres vivos) e a esperança (reviver e retornar à terra) são proclamados.

O vale estava cheio de ossos: “E o espírito me fez circular em torno deles, por todos os lados. Notei que havia grande quantidade de ossos espalhados pelo vale e que estavam todos secos” (37,2). Na Bíblia, os ossos quebrados e secos exprimem a condição de extremo sofrimento, de quem se aproxima do reino dos mortos, sem esperança:

- “Pois em aflição se esgotou a minha vida, e os meus anos em gemidos; por minha iniquidade, minha força vacila e meus ossos se consomem” (Sl 31,11).
- “Coração alegre ajuda a sarar, mas espírito abatido resseca os ossos” (Pr 17,22).
- “Consumiu minha carne e minha pele, e quebrou meus ossos. À minha volta armou um cerco de veneno e amargura, e me fez habitar nas trevas como os que morreram há muito tempo” (Lm 3,4-6).

Cumprindo-se os castigos anunciados pelo profeta por causa da infidelidade e do crime dos governantes (22,1-31), os exilados caíram em profundo abatimento. Longe de sua terra, sem Jerusalém, eles estavam ameaçados

de perder a identidade de povo eleito (20,32; 33,10) e a esperança de reavivar o reino de Israel, porque alguns anos já haviam se passado desde a chegada à Babilônia. Enterrados sem vida nem esperança! Estavam chorando e clamando pela libertação, mas o sofrimento persistia, fazendo os exilados caírem no fundo do poço: ossos secos espalhados pelo vale.

A visão dos ossos secos espalhados no chão representa uma desgraça e um dos maiores castigos (maldições) de Deus, porque, para ter um final digno, a pessoa morta devia ser enterrada com os pais, no túmulo da família, segundo a tradição judaica (cf. Gn 25,7-8; 35,29). A Bíblia descreve, por exemplo, a pior maldição contra os inimigos de Israel: “Seu cadáver será comido por todas as aves do céu e animais da terra, sem que ninguém os espante” (Dt 28,26: cf. Ap 19,18). Os exilados, descritos como os ossos secos espalhados no chão, não têm sinal de vida nem esperança.

Aí acontece a intervenção de Deus: “Então Javé me disse: ‘Filho do homem, será que esses ossos poderão reviver?’ Eu respondi: ‘Meu Senhor Javé, és tu que sabes’” (37,3). A resposta sobre a possibilidade de ossos secos, enterrados, mortos voltarem à vida não é dada pelo profeta: só Deus pode responder e dar a vida aos deportados. Na visão, o profeta é um mero executor da ordem de Deus: profetizar a Palavra de Deus.

A ordem de Javé é anunciada: “Então ele me disse: ‘Profetize, dizendo: Ossos secos, ouçam a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé a esses ossos: Vou infundir um espírito, e vocês reviverão’” (37,4-5). O espírito, *ruah* em hebraico, também pode ser traduzido por “sopro”, “vento”, “fôlego”, “alento” etc. Na Bíblia, a *ruah* de Deus cria e anima os seres:

- “A terra era um caos vazio, a escuridão cobria até as profundezas e um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas” (Gn 1,2).
- “Quando escondes tuas mãos, eles ficam apavorados; se lhes retiras a respiração, perecem, voltando ao pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104,29-30).
- “Cobriste-me de pele e carne, e me teceste de ossos e nervos. Concedeste-me vida e amor, e tua providência conservou meu sopro” (Jó 10,11-12).

O espírito (= a *ruah*) infundido pelo Senhor Javé, em Ez 37,5, desencadeia o dinamismo da vida, transforma primeiro os ossos secos em cadáveres, depois os cadáveres em seres vivos: “Vou cobrir vocês [ossos] de nervos, vou fazer com que vocês criem carne e se revistam de pele. Em seguida, infundirei o meu espírito, e vocês reviverão. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé” (37,6).

De acordo com a visão de Ezequiel, o corpo humano é formado por quatro componentes: nervos, carne, pele e espírito. O número 4, que é usado mais de 40 vezes em Ezequiel, como “quatro seres vivos” (1,5), “quatro cantos da terra” (7,2) e “quatro faces e quatro asas” (10,21), é símbolo de perfeição e de totalidade, descrevendo a ação perfeita do Deus criador, que intervém na história de Israel (36,20-22), punindo ou salvando, e que quer que todos o reconheçam como o Senhor (6,7.10.13.14; 7,4.9; 23,49 etc.).

Agora, o profeta executa a ordem de Javé, isto é, a transformação (remodelação) de ossos secos em cadáveres a partir de dentro:

Profetizei de acordo com a ordem que havia recebido. Enquanto eu estava profetizando, ouvi um barulho e vi um movimento entre os ossos, que começaram

a se aproximar um do outro, cada um com o seu correspondente. Observando bem, vi que apareciam nervos, que iam sendo cobertos de carne e que a pele os recobria; mas não havia espírito neles (37,7-8).

É a transformação dos ossos secos em cadáveres orgânicos (organismo do ser humano: nervos, carne, pele, espírito).

Falta ainda a transformação dos cadáveres orgânicos em seres vivos: “Então Javé acrescentou: ‘Profetize ao espírito, filho do homem, profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Espírito, venha dos quatro ventos e sopra nestes cadáveres [mortos], para que revivam’” (37,9). Semelhante à criação do ser humano descrita em Gn 2,7: “Então Javé Deus modelou o homem com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente” (Gn 2,7). O Espírito de Deus atua sobre os cadáveres orgânicos, para que haja o “espírito” (sopro da vida) nele. E a ação do Espírito de Deus vem dos quatro ventos. Mais uma vez, o autor usa o número 4 para manifestar o poder e a plenitude do Espírito de Deus, que insere o espírito no cadáver orgânico.

Nesta passagem de Ezequiel, o Espírito de Deus, que faz os “mortos” reviverem, tem o dinamismo de criar e ativar o espírito, um dos quatro componentes do corpo humano vivo, como sede do sentimento e do pensamento. “Ó Deus, cria em mim um coração puro, confirma em meu interior um espírito novo. Não me afastes para longe do teu rosto, não retires de mim teu santo Espírito. Devolve-me o júbilo da tua salvação, e um espírito generoso me mantenha firme. Ensinarei os teus caminhos aos culpados e para ti se voltarão os pecadores”, diz um salmista (Sl 51,12-15). O Espírito de Deus cria e ativa o espírito no interior do ser humano, como o coração novo e o espírito novo, para voltar e caminhar junto com Deus salvador (11,14-21).

À primeira vista, os ossos secos espalhados no vale são como o povo morto e sem esperança. Segundo o autor, essa morte, porém, só acontece de fato quando o povo abandona o Deus Javé, alienando-se com outros deuses e praticando a abominação e o crime, o que provoca o castigo de Deus: a destruição e o exílio. Contudo, tomando consciência de sua dignidade de povo eleito de Javé, com o coração novo e o espírito novo, o povo morto começa a se levantar, a se reunir e a se organizar. Ergue-se, então, como grande exército e se põe a lutar para voltar a sua terra e construir o novo Israel: “Profetizei conforme ele havia mandado. O espírito penetrou neles, e reviveram, colocando-se de pé. Era um exército imenso” (37,10).

A seguir, o próprio profeta explica o significado da sua visão dos ossos secos.

Em seguida, Javé me disse: “Filho do homem, esses ossos são toda a casa de Israel. Eles dizem: ‘Nossos ossos estão secos e nossa esperança se foi. Para nós, tudo acabou’. Pois bem! Profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Vou abrir seus túmulos, tirar vocês de seus túmulos, povo meu, e vou levá-los para a terra de Israel. Povo meu, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu abrir seus túmulos, e de seus túmulos eu tirar vocês. Colocarei em vocês o meu espírito e vocês reviverão. Eu os colocarei em sua própria terra, e vocês ficarão sabendo que eu, Javé, digo e faço – oráculo de Javé” (37,11-14).

Longe de sua terra, sem Jerusalém nem Templo, o povo exilado de Israel estava se sentindo abandonado por seu Deus. As esperanças de uma restauração pareciam perdidas, como se os exilados sem espírito estivessem em um túmulo, lugar de perdição e de abandono, como diz um salmista: “Sou considerado entre os que descem

à cova, sinto-me como homem sem força, entregue entre os mortos, semelhante aos corpos profanados que descem ao túmulo, dos quais já não se faz memória, porque foram arrancados de tua mão” (Sl 88,5-6).

Contudo, Javé não abandona o povo pecador. A esperança não está de todo perdida, porque a opção de Deus por Israel como o povo eleito não é posta em questão. Segundo o esquema clássico do êxodo (tirar e levar), Deus tira os exilados de seus túmulos e os leva à sua terra, na medida em que eles se convertem com o espírito novo e reatam a aliança com seu Deus (11,19-21).

Túmulo, na segunda parte (37,11-14), figuradamente, descreve a condição do povo morto. A figura de linguagem foi mudada de ossos espalhados num campo de batalha para um cemitério. O exílio, a desgraça, o abandono, a morte, porém, não são as últimas palavras. Deus agir novamente por causa da aliança com seu povo eleito e de seu nome Javé, o Deus da história: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3,14). A restauração do povo se inicia. Deus trará os exilados de volta à sua terra (11,17; 20,32-38; 36,24; 37,12).

Aprofundando: *O mito da criação com o espírito de resistência e de esperança*

Na narrativa da criação segundo o mito babilônico, no início havia Apsu, o Deus do céu, e Tiamat, a divindade do caos. Da união entre eles vieram todos os deuses. Esses deuses mais jovens ficaram inquietos e escolheram Marduk como seu líder, porque foi ele que concluiu a obra da criação, matando Tiamat, sua mãe:

Eles travaram combate, Tiamat e Marduk, o mais sábio dos deuses. Eles travaram combate singular, presos na batalha. O senhor espalhou sua rede para

envolvê-la. O Vento Maligno, que seguia atrás, ele lançou no rosto dela. Quando Tiamat abriu sua boca para consumi-lo, ele lançou o Vento Maligno para que ela não fechasse os lábios. E enquanto os ventos atacavam o estômago dela, seu corpo foi distendido e sua boca se abriu totalmente. Ele soltou a flecha, ela cortou o estômago de Tiamat. Ela cortou suas entranhas, rachou seu coração. Assim ele a venceu, ele extinguiu a vida dela.²

Marduk consegue o título de divindade suprema no panteão das divindades por ter vencido o combate contra Tiamat, a deusa do caos, e criado o universo. Por isso, ele é celebrado como o Deus criador na Babilônia e em toda a região da Mesopotâmia. Era o que acontecia na tirania e nas guerras contra as nações: o império babilônico dispõe o exército violento e os deuses para estabelecer seu controle tirano sobre seu povo e outros povos conquistados. Os tiranos da Babilônia, legitimados e protegidos por Marduk, sujeitam e escravizam todos os seres vivos da terra.

Vivendo como exilados na Babilônia, em contato com a religião imperial e suas divindades, os judaítas deportados precisam renovar sua religião e sua fé, para manter a identidade do povo eleito de Javé. Conhecendo o mito babilônico da criação, eles escrevem, em Gn 1,1-2,4a, a sua própria versão do mito da criação, marcada pelo espírito de resistência e de esperança:

- a) “No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra era um caos vazio, a escuridão cobria até as

² Adaptado do livro de J. F. BIERLEIN, *Mitos paralelos: uma introdução aos mitos no mundo moderno e as impressionantes semelhanças entre heróis e deuses de diferentes culturas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 85-87.

profundezas e um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas” (Gn 1,1-2). O vento (sopro ou espírito, em hebraico: *ruah*) de Deus transforma o caos em cosmo, enquanto, para os babilônios, o universo surge da luta violenta entre as divindades. O vento de Deus traz a vida, enquanto, no mito babilônico, o vento é denominado de Maligno, e sua ação é violenta e destruidora. Ainda as dez palavras soberanas de Deus (“Deus disse”: Gn 1,3.6.9.14.20.24.26.28.29) criam e designam lugar e nome, e abençoam a criação com a ordem e sem violência. Assim, o autor afirma que o verdadeiro Deus não é Marduk, mas o Deus de Israel. Ele, criador da terra e do céu, traz a vida para os exilados judaítas que estão na situação de “caos vazio”, na Babilônia.

- b) “E Deus disse: ‘Haja um firmamento no meio das águas, a fim de separar águas e águas!’ E Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento” (Gn 1,6-7). Para surgirem o céu e a terra (Gn 1,8-10), Deus separa as águas de cima e as de baixo, fazendo o firmamento (abóbada sólida) entre elas, enquanto Marduk corta o corpo de Tiamat em duas partes, e com uma delas faz o firmamento. É mais uma crítica contra a realidade da guerra, da tirania e da violência imposta pelo império babilônico, que transparece no seu mito de criação.
- c) “Deus fez os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para dominar o dia, o luzeiro menor para dominar a noite, e também as estrelas” (Gn 1,16). Os astros (sol, lua e estrelas) são aqui reduzidos à categoria de simples criaturas, ao passo que os babilônicos os divinizavam. O sol, identificado

com Marduk, por exemplo, é simplesmente criado e chamado de luzeiro pelo Deus de Israel, o que produz o espírito de resistência e de esperança para os exilados.

- d) “E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, macho e fêmea os criou” (1,27). O texto ressalta a dignidade de todas as pessoas (gênero e etnia) como imagem e semelhança de Deus. Ao contrário, o mito babilônico afirma que o homem é criado para servir às divindades, justificando a divisão da sociedade em classes (governantes e escravos): “Marduk estabeleceu um selvagem, ‘homem’ será o seu nome; criarei um homem deveras selvagem. Ele será encarregado de servir aos deuses para que eles possam ter tranquilidade!”.
- e) “E Deus os abençoou e disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra’” (Gn 1,28a). Segundo o ambiente cultural de Israel, a fecundidade das plantas, dos animais e do ser humano dependia das bênçãos divinas (Dt 28). A bênção de Deus na multiplicação do povo é o sinal da sobrevivência e da esperança para os deportados no contexto da vida precária do exílio.
- f) “Dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres que se remexem sobre a terra” (Gn 1,28b). O verbo “dominar” é tradução do hebraico *radhah*, que possui o sentido de cultivar, organizar e cuidar. É uma crítica contra a injustiça e a violência dos tiranos babilônicos.
- g) “Foram, assim, concluídos o céu, a terra e toda a guarnição deles. No sétimo dia, Deus concluiu o trabalho que havia feito, e no sétimo dia descansou de todo o trabalho que tinha feito” (Gn 2,1-2). O texto ressalta o direito ao descanso semanal

no mundo babilônico de tirania e de escravidão. O número sete ainda indica perfeição e plenitude, afirma o trabalho ordenado e perfeito do Deus criador de Israel, diante do mito babilônico da criação, marcado pela batalha e pela violência dos deuses.

- h) “Deus abençoou e santificou o sétimo dia, pois nesse dia Deus descansou de todo o trabalho que tinha feito como criador” (Gn 2,3). No exílio, o dia de sábado torna-se sinal de aliança e de identificação do povo com seu Deus. Ao celebrar o dia de sábado, o povo exilado resgata a sua dignidade de ser humano – tem o direito de fazer o que quiser nesse dia, não é um simples instrumento que, sem descanso, deveria estar sempre cumprindo os desejos de outros – e fortalece a sua consciência, sua identidade e sua fé para sobreviver em terra estranha e manter sua resistência e esperança de vida.

A mensagem principal do mito da criação em Gn 1,1-2,4a é a imagem do Deus da vida: ele cria, partilha e cuida da vida de todos os seres, em oposição aos deuses dos tiranos, que promovem e justificam a dominação, a injustiça e a violência contra os seres subjugados. Hoje, como ontem, a missão dos seres humanos, criados à imagem e à semelhança do Deus da vida, continua sendo criar, partilhar e cuidar da vida de todos os seres do universo. É o que esperamos das comunidades cristãs, sobretudo no Brasil, que ainda soma 13,5 milhões de miseráveis que sobrevivem com 145 reais mensais e, entre esses, 4,5 milhões de pessoas desalentadas, mulheres e homens que vivem como ossos secos.

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Javé, o Bom Pastor, na restauração do povo sofrido.

PERSONAGENS: Javé e o profeta.

TEXTO: Ez 34,1-16.

PALAVRAS-CHAVE: Pastores de Israel, pastor, rebanho, cuidar, dispersar, contar, reunir e pasto.

PERSPECTIVA: Tomar consciência de que a liderança cristã tem como missão o cuidado amoroso das pessoas, especialmente as mais fracas e necessitadas, tendo como modelo o pastoreio de Deus e de Jesus.

“Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar delas” (Ez 34,11).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, uma vela acesa, flores e, se possível, a imagem de um pastor.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Sintamo-nos acolhidas e acolhidos para refletir e rezar a Palavra de Deus. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Vamos nos dispor para este encontro pedindo que Deus, o pastor amoroso, ajude-nos em nossa caminhada. Cantemos.

Sou bom pastor, ovelhas guardarei. Não tenho outro ofício, nem terei. Quantas vidas eu tiver, eu lhes darei. Maus pastores, num dia de sombra, não cuidaram, e o rebanho se perdeu. Vou sair pelo campo, reunir o que é meu, conduzir e salvar. Verdes prados e belas montanhas hão de ver o pastor, rebanho atrás. Junto a mim, as ovelhas terão muita paz, poderão descansar.

Dirigente: No encontro anterior, refletimos sobre a presença do Espírito de Deus que nos faz reviver. Como foi a vivência do gesto concreto? *Tempo para a partilha.*

Dirigente: A reflexão de hoje é sobre a nossa liderança, tendo como espelho a ação de Deus, o Bom Pastor. Vamos repetir, em voz alta, o tema do nosso encontro: *Javé, o Bom Pastor, na restauração do povo sofrido.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Antônio era um homem pobre, religioso, trabalhador e honesto. Ele teve câncer e vivenciou uma longa peregrinação em hospitais públicos. Quando já estava em estágio terminal, com dificuldades na fala,

ele pediu ao padre que rezasse para ele o Sl 23. Após a oração, ele fechou os olhos e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Antônio faleceu dois dias depois dessa visita.

Dirigente: Em sua dor e sofrimento, Antônio reconheceu a presença amorosa de Deus, o Bom Pastor, o Deus que caminha ao lado dos pequenos e dos sofredores. Como nós sentimos a presença de Deus em nossa vida? Como pessoas cristãs, qual a nossa missão junto às pessoas que sofrem, especialmente aquelas que estão longe de sua pátria? *Tempo para responder a essas questões.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A imagem do pastor é bem conhecida no cotidiano do Antigo Oriente: o pastor conduz os rebanhos tanto para as pastagens como para a água. Ele os conduz também ao abrigo por ocasião do mau tempo e os defende contra animais de rapina e bandidos. Historicamente, o título de pastor era aplicado aos reis, que tinham o dever de fornecer “alimento e água” para seu povo, destruir aqueles que lhe fizessem mal e defender o direito dos mais fracos. Mas os reis de Judá haviam falhado, cometido injustiça e provocado a destruição, o exílio e o sofrimento do povo (22,23-31). Eles, os maus pastores, usam do poder não em benefício das ovelhas fracas, mas em seu próprio interesse (34,1-10). Em meio à realidade de sofrimento e de abandono do povo no exílio, Javé mesmo se torna pastor para libertar, proteger, conduzir o seu povo a sua terra e o apascentar com a justiça e o direito (34,11-16).

5. Leitura do texto

Dirigente: Confiantes na ação de Deus, que restaura a nossa vida e nos fortalece na caminhada, cantemos, acolhendo a sua Palavra:

Pelos prados e campinas verdejantes, eu vou... É o Senhor que me leva a descansar. Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou! Minhas forças o Senhor vai animar. Tu és, Senhor, o meu Pastor. Por isso, nada em minha vida faltará! (bis).

Leitora ou leitor 3: Ler Ez 34,1-16.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Por que os reis de Judá não assumem o papel de bom pastor a serviço do povo?
- b) Quais palavras ou expressões do texto mostram a realidade sofrida do povo?
- c) Qual a imagem de Deus que transparece no texto?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A denúncia de Ezequiel contra os pastores de Israel é um convite para revermos a maneira como vivenciamos a nossa liderança na comunidade e nos ambientes que frequentamos.

- a) Como nós exercemos a nossa missão cristã?
- b) O que significa apascentar-se a si mesmos?
- c) Qual imagem de Deus nós transmitimos para as pessoas com as quais nós convivemos?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Que Deus, o Bom Pastor, nos ajude a reproduzir em nossa vida atitudes de cuidado com nosso próximo. Sejamos pastoras e pastores uns dos outros. Neste momento, podemos fazer nossas preces pedindo que Deus transforme nosso coração e elimine de nossa vida atitudes egoístas e interesseiras. *Tempo para as preces.*

Dirigente: De mãos dadas, rezemos a oração na qual proclamamos nossa filiação divina e a irmandade universal. *Pai nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ez 37,21-28, e quem puder leia as orientações em preparação ao quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

Organizar um lanche comunitário para o último encontro.

9. Gesto concreto

Visitar uma instituição que cuida de pessoas idosas ou fazer uma visita a uma pessoa doente.

10. Bênção final

Dirigente: Que Deus, o Bom Pastor, e seu Filho Jesus Cristo, o Pastor que deu a vida por suas ovelhas, abençoem-nos, dando-nos força para assumirmos nossa missão.

Todas(os): Amém.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: *Javé, Bom Pastor*

A imagem do pastor é bem conhecida no cotidiano do Oriente: o pastor conduz os rebanhos tanto para as pastagens como para a água. Ele os conduz também ao abrigo por ocasião do mau tempo e os defende contra animais de rapina e dos bandidos. Estabelece uma relação íntima e especial com o seu rebanho, que reconhece sua voz e a

distingue das outras vozes, obedecendo a suas ordens: “Ele [pastor] chama cada uma de suas ovelhas pelo nome e as conduz para fora. Depois que levou todas as suas ovelhas para fora, ele caminha na frente delas; e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (cf. Jo 10,3-4).

No Antigo Oriente, o título de pastor era aplicado aos reis e aos deuses. Na Assíria e na Babilônia, o título de pastor era comum para os governantes, cujo dever era conduzir o seu povo como o pastor sábio e humilde. A imagem do pastor também era usada para as divindades. Por exemplo, na religião do Egito, *Khnum* era considerado um deus pastor, o deus das nascentes e das cheias do rio Nilo. A sua imagem era representada por um homem com a cabeça de um carneiro.

Em Israel, o título de pastor era dado aos dirigentes, como os anciões e juízes, autoridades do povo: “Em todo o tempo que andei com todos os filhos de Israel, acaso falei uma palavra a um dos chefes de Israel, que estabeleci para apascentar [como pastor] a meu povo Israel [...]?” (2Sm 7,7-8). Nos últimos anos da monarquia, o título de pastor era diretamente atribuído aos reis. No desastre nacional (597-587 a.C.), por exemplo, os profetas aplicaram o título de pastor aos governantes das nações inimigas que invadiram e destruíram Judá:

Gemam, pastores, gritem! Rolem na poeira, chefes do rebanho! Pois chegou para vocês o dia da matança, o dia de serem expulsos um para cada lado. Vocês cairão como carneiros escolhidos. Não há escapatória para os pastores, nem saída para os chefes do rebanho. Ouçam os gritos dos pastores, o urro dos chefes do rebanho! Porque Javé destruiu suas pastagens. Os prados tranquilos foram devastados, por causa da ardente ira de Javé (Jr 25,34-37).

Os profetas aplicaram o título de pastor também aos governantes de Judá, para lhes reprovar o mau cumprimento de suas funções de pastor:

Ai dos pastores que destroem e dispersam o rebanho da minha pastagem – oráculo de Javé. Por isso, assim diz Javé, o Deus de Israel, contra os pastores que apascentam meu povo: Vocês dispersaram e expulsaram minhas ovelhas e não se preocuparam com elas. Pois agora sou eu que vou pedir contas a vocês do mal que praticaram – oráculo de Javé (Jr 23,1-2).

Os profetas acusam os últimos governantes de maus pastores. Em vez de apascentar o rebanho, os pastores de Judá exploraram o povo e causaram a guerra, a destruição e o exílio por causa da cobiça do poder e da riqueza, pondo os exilados em uma situação de desolação:

Os pastores perderam o bom senso e deixaram de procurar Javé. Por isso não tiveram sucesso, e o rebanho que eles conduziam se espalhou. Ouçam o barulho que avança com grande estrondo lá da terra do norte. Ele vem fazer das cidades de Judá um lugar arrasado, um abrigo de chacais (Jr 10,21-22).

Em meio a essa realidade de sofrimento e de abandono no exílio, Javé mesmo é chamado de pastor que resgata, protege e conduz os exilados para a sua terra santa:

- “Eu [Javé] mesmo vou reunir o resto de minhas ovelhas de todas as terras para onde eu as tinha expulsado. Vou trazê-las de volta para seus currais, para que cresçam e se multipliquem” (Jr 23,3).
- “Como um pastor, ele [Javé] cuida do rebanho, e com seu braço o reúne. Leva os cordeirinhos

no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11).

- “Salva o teu povo e abençoa a tua herança, apascenta-o e conduze-o para sempre!” (Sl 28,9).

O próprio Javé se apresenta como pastor que juntará as ovelhas dispersas, para conduzi-las ao mais alto dos montes de Israel, a cidade santa de Jerusalém. Ele é o pastor da restauração que reúne as ovelhas exiladas e sofredas, conduze-as à sua própria pastagem, cuida das feridas, apascenta-as com a lei da hospitalidade:

Ainda que eu caminhe por vale tenebroso, não temerei mal nenhum, porque tu estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo. Preparas a mesa para mim, diante dos meus inimigos; unges minha cabeça com perfume, e minha taça transborda (Sl 23,4-5).

Javé, o Bom Pastor, é descrito em Ez 34,1-16 com riqueza de detalhes. No meio da destruição, do exílio e do sofrimento do povo, Javé reprova os últimos pastores governantes de Judá por seus crimes. Anuncia que ele mesmo, como bom pastor, resgatará e conduzirá seu povo.

Comentando o texto: *Ez 34,1-16 – Javé, Bom Pastor, resgata e conduz seu povo*

Ezequiel já tratou da injustiça praticada pelos últimos governantes de Jerusalém, que produziu violência, roubo, exploração dos pobres, opressão dos fracos (22,1-31). Aqueles cuja função era liderar o povo na realização do projeto de Deus na justiça e na fraternidade, por causa da cobiça do poder e da riqueza, são infiéis à sua missão. No texto, a traição dos governantes é descrita com a imagem

dos maus pastores: “A palavra de Javé veio a mim nestes termos: ‘Filho do homem, profetize contra os pastores de Israel, dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmos! Não é do rebanho que os pastores deveriam cuidar?’” (34,1-2).

Os pastores são os governantes da monarquia davídica, e o rebanho é o povo. A função do pastor é cuidar das ovelhas, fornecendo alimento e água e destruindo aqueles que lhes fizessem mal. Porém, os governantes apascentam a si mesmos e se preocupam somente com sua riqueza, bem-estar e mordomia: “Vocês bebem o leite, vestem a lã, sacrificam as ovelhas gordas, mas não cuidam do rebanho” (34,3). É a mesma mordomia dos governantes já denunciada pelo profeta Amós há muito tempo: “Deitam-se em camas de marfim [...], comendo cordeiros do rebanho e novilhos cevados em estábulos. Bebem canecões de vinho, usam os mais caros perfumes, sem se importar com a ruína de José” (Am 6,4.6).

Os pastores governantes, em vez de cuidarem de suas ovelhas, praticam até opressão e violência contra elas:

Vocês não procuram fortalecer as ovelhas fracas, não curam as que estão doentes, não tratam as feridas daquelas que sofrem fratura, não trazem de volta aquelas que se desgarraram e não procuram aquelas que se extraviaram. Pelo contrário, vocês dominam sobre elas com violência e opressão” (34,4).

Violência e opressão! Os mesmos termos são utilizados pelo profeta Habacuc na crítica contra os últimos reis de Judá: “Por que me fazes ver o crime e contemplar a injustiça? Opressão e violência estão à minha frente; surgem processos e se levantam rixas” (Hab 1,3).

Os governantes de Jerusalém, que deveriam cuidar do povo, são exatamente aqueles que são acusados de

exploradores do povo: em vez de promoverem e fortalecerem Judá a serviço do povo, eles causam à nação a ruína e o exílio, pela sua política militarista, ambiciosa e desastrosa. E, para o grupo de Ezequiel, deuteronomistas, a infidelidade, a violência e a opressão dos governantes da monarquia davídica provocaram a ira e o castigo de Deus: o desastre nacional. A aliança entre Javé e o seu povo foi quebrada por causa da falsidade e da ambição dos pastores, provocando a dispersão das ovelhas:

Por falta de pastor, minhas ovelhas se espalharam e se tornaram pasto de feras selvagens. Minhas ovelhas se espalharam e vagaram sem rumo pelos montes e morros. Minhas ovelhas se espalharam por toda a terra, e ninguém as procura para cuidar delas (34,5-6: cf. Is 42,22).

Em seguida, os descuidos dos pastores governantes com seu povo são novamente salientados:

Por isso, vocês, pastores, ouçam a palavra de Javé: Juro por minha vida – oráculo do Senhor Javé: Minhas ovelhas se tornaram presa fácil e servem de pasto para as feras selvagens. Elas não têm pastor, porque meus pastores não se preocupam com meu rebanho; ficam cuidando de si mesmos, em vez de cuidarem do meu rebanho (34,7-8).

Os maus pastores, em vez de servirem às ovelhas, preocupam-se exclusivamente com seus próprios interesses e vantagens. Como resultado, as ovelhas são feridas e mortas pelas feras selvagens. Ou seja, o povo é derrotado, morto e deportado pelos invasores em 597 e 587 a.C.

Após denunciar os crimes dos pastores e a situação das ovelhas, Javé anuncia a condenação dos governantes

de Jerusalém. Ele reprova os maus pastores por seus crimes e lhes tirará o rebanho maltratado pela violência e opressão deles:

Por isso, pastores, ouçam a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé: Vou me colocar contra os pastores. Vou pedir contas a eles sobre meu rebanho, e não deixarei mais que eles cuidem do meu rebanho. Desse modo, os pastores não ficarão mais cuidando de si mesmos. Eu lhes arrancarei da boca as minhas ovelhas, e elas não servirão mais de pasto para eles (34,9-10).

Há uma mensagem clara e repetida: Deus coloca-se contra a autoridade que toma conta de si mesma, e não do bem-estar do povo dele.

Agora, diante da situação sofrida do povo sem pastores, Javé mesmo irá intervir e juntar as ovelhas espalhadas como bom pastor:

Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar delas. Como o pastor conta seu rebanho quando está no meio de suas ovelhas que se haviam dispersado, eu também contarei minhas ovelhas, e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros. Eu as retirarei do meio dos povos e as reunirei das outras terras, e as trarei de volta para sua própria terra. Aí, eu próprio cuidarei delas como pastor, nos montes de Israel, nos vales dos córregos e em todas as regiões habitáveis da terra (34,11-13).

A expressão “dias nebulosos e escuros” designa a dispersão causada pela invasão e pelo exílio de Judá em 597 a.C. e pela sua destruição e exílio em 587 a.C.: “Judá foi

para o exílio, humilhada e em dura escravidão; foi habitar entre as nações, onde não encontra mais repouso” (Lm 1,3).

Javé é o verdadeiro pastor desse povo ferido e exilado, que reúne os perdidos, conduz-os à sua própria pastagem, cuida de suas feridas, guarda-os no direito:

Vou levá-las para pastar nas melhores invernadas, e seu curral ficará no mais alto dos montes de Israel. Aí elas poderão repousar em curral bom, e terão pastos abundantes sobre os montes de Israel. Eu mesmo conduzirei minhas ovelhas – oráculo do Senhor Javé. Procurarei aquela que se perder, trarei de volta aquela que se desgarrar, curarei a que se machucar, fortalecerei a que estiver fraca. Quanto à ovelha gorda e forte, eu a guardarei. Apascentarei conforme o direito (34,14-16).

A respeito da expressão “quanto à ovelha gorda e forte, eu a guardarei”, a outra versão leu: a ovelha gorda, a ovelha forte, eu a eliminarei. A frase deve ser traduzida e interpretada dentro dos versículos seguintes (v. 17-22), nos quais se trata da atitude das ovelhas umas para com as outras. As ovelhas gordas, que não seguem a justiça de Deus e exploram o povo, buscando seus próprios interesses, serão eliminadas da comunidade restaurada pelo próprio pastor Javé (cf. Mt 25,32-33).

A leitura de Ez 34,1-16 confirma que Javé, Bom Pastor, resgatará e trará o seu povo de volta à sua terra, Judá, restabelecerá o seu reino sobre os “montes altos”, ou seja, Jerusalém, no qual ele próprio reinará e guardará suas ovelhas no “direito” (justiça e ordem).

Aprofundando: *Jesus, Bom Pastor*

O evangelho de João descreve a situação sofrida da comunidade joanina, por volta do ano 100 d.C., na Ásia

Menor (hoje Turquia). A comunidade, que era composta de pessoas pobres e marginalizadas que vivenciavam o amor ao próximo, era perseguida pelo “mundo”: os judeus fariseus e o império romano:

Se o mundo odeia vocês, saibam que primeiro odiou a mim. Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que é dele. Mas, porque vocês não são do mundo, pois o fato de eu os ter escolhido é que separou vocês do mundo, por isso é que o mundo os odeia. Eu tenho falado todas essas coisas, para que vocês não fiquem escandalizados. Não excluir vocês das sinagogas. E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus (Jo 15,18-19; 16,1-2).

Por volta do ano 90 d.C., os judeu-cristãos foram expulsos da sinagoga, o centro comunitário dos judeus, que controlava, pela lei da pureza, o trabalho (emprego), a saúde, a educação, o comércio, a assembleia, o culto e até o cemitério (sepultamento). Os cristãos, que não cumpriam certas leis da pureza que condenavam e discriminavam os pobres, as mulheres e os estrangeiros, foram perseguidos e expulsos da sinagoga e, conseqüentemente, ficaram sujeitos à miséria, à fome e, ainda, à opressão e à violência do império romano, aliado aos judeus fariseus. O Império perseguia e matava os cristãos como um dever de “prestar culto” ao Imperador.

Em meio à realidade de sofrimento e de abandono, a comunidade joanina descreve Jesus de Nazaré como bom pastor, uma imagem de Deus Pastor que foi pregada pelo povo de Israel no tempo do exílio, por volta do ano 550 a.C. No exílio, os camponeses, chamados “pobres da terra” (Am 8,4; Sf 2,3), por exemplo, foram deportados para a Babilônia e tratados como escravos e despojos de guerra (Is 42,22). Eles descrevem Javé como pastor:

“Como um pastor, ele cuida do rebanho, e com seu braço o reúne. Leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Ainda apresentam o messias servo com quem Javé Pastor reinará sobre o seu povo na justiça e na fraternidade (Is 42,1-9). É um servo pastor que dá até sua própria vida em favor de suas ovelhas (Is 52,13-53,12).

Como os pobres da terra no exílio da Babilônia, a comunidade sofrida de João sonha e reza para que seja conduzida e protegida por Jesus, o Bom Pastor. Em Jo 10, a comunidade joanina descreve as características e os deveres do bom pastor e seus seguidores:

- a) “Para ele o porteiro abre a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz; ele chama cada uma de suas ovelhas pelo nome” (Jo 10,3; cf. Jo 20,16). Chamar a pessoa pelo nome, na Bíblia, significa um relacionamento de amor e de comunhão: “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu” (Is 43,1). O bom pastor deve estar profundamente unido, por laços de amor e amizade, às suas ovelhas, para realizar o Reino da Vida.
- b) “Depois que levou todas as suas ovelhas para fora, ele caminha na frente delas; e as ovelhas o seguem porque conhecem a sua voz” (Jo 10,4). O bom pastor conduz suas ovelhas às passagens verdejantes e as protege contra seus predadores e ladrões. Ontem e hoje, o líder deve conduzir, apascentar e proteger a vida do povo, e não o abandonar na dificuldade, por seu próprio proveito.
- c) “Elas nunca vão seguir um estranho; ao contrário, vão fugir dele, porque não conhecem a voz dos estranhos” (Jo 10,5). As ovelhas devem ouvir a voz do seu pastor, sem se deixar seduzir ou enganar

pela voz dos estranhos, como a dos governantes romanos, que pregam o espírito da busca desenfreada de bens, poder e prazer, ou a voz dos judeus fariseus, que obrigam a observar a lei da pureza, discriminando pobres, mulheres e estrangeiros. Para os cristãos, Jesus é seu Pastor, “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), com a prática do amor ao próximo (Jo 15,1-17).

- d) “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem” (Jo 10,9). No mundo bíblico, a porta de uma cidade ou de uma aldeia era um importante espaço da vida cotidiana, era local de comércio e também do tribunal, onde acontecia muita injustiça (cf. Am 5,10-11). Jesus é a porta. Os pastores cristãos são aqueles que entram pela porta de Jesus: porta da gratuidade, da partilha e da justiça, que faz brotar a vida.
- e) “O ladrão só vem para roubar; matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Os maus pastores, em vez de servirem às ovelhas, se preocupam exclusivamente com seus próprios lucros e interesses (34,7-8). Enquanto os governantes do Império e os judeus fariseus, chamados de “ladrão e assaltante” (Jo 10,1), se ocupam apenas com seus próprios interesses e privilégios, até utilizando a opressão e a violência, a missão de Jesus como pastor está a serviço da vida plena da humanidade, com o amor e a fraternidade (Jo 13,1-15)
- f) “Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,14-15). Na Bíblia, o “conhecimento” não provém de uma ação puramente

intelectual, mas da “experiência” concreta (cf. Jo 14,17; 2Jo 1-3). Conhecer as ovelhas e ser reconhecido por elas são virtudes fundamentais da liderança de ontem e de hoje.

- g) “Eu tenho ainda outras ovelhas, que não são deste curral. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz, e se tornarão um só rebanho com um só pastor” (Jo 10,16). No contexto da comunidade joanina, o bom pastor vai além do pequeno grupo que se encontra no ambiente judaico; tem um horizonte amplo que inclui os samaritanos, os gregos, os romanos, enfim, todas as pessoas que aceitam o projeto de Jesus, em todos os lugares e em todos os tempos. É uma advertência contra grupos e comunidades excludentes a serviço do seu interesse e do seu poder.

Jesus, Bom Pastor, dá a vida por suas ovelhas e busca a vida para as pessoas. Ele veio para que as pessoas tivessem vida em abundância, o que significa condições dignas de vida plena e liberdade. Ouvir a voz do Pastor é engajar-se no mesmo projeto. É comprometer-se com o projeto da justiça imortal até o fim: “Minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem. Eu dou vida eterna para elas, e elas nunca morrerão. Ninguém vai tirá-las da minha mão” (Jo 10,27; cf. Sb 1,13-15). Lembremos sempre que viver a fé no Bom Pastor Jesus Cristo é fazer-se próximo um do outro e ocupar-se das necessidades urgentes e inadiáveis de quem sofre. É ser pastoras e pastores uns dos outros, em uma comunidade que cuida dos seus, que conhece suas dores e sofrimentos, que conhece o nome das pessoas, especialmente das mais pobres e sofredoras, e que se solidariza com elas e age para o bem delas.

QUINTO ENCONTRO



TEMA: O sonho de voltar para a terra e restaurar a vida.

PERSONAGENS: Javé e o profeta.

TEXTO: Ez 37,21-28.

PALAVRAS-CHAVE: Filhos de Israel, reunir, meu povo, Davi, pastor, normas, estatutos, aliança, habitar, terra e santuário.

PERSPECTIVA: Entender o projeto do grupo de Ezequiel: voltar para a terra e reconstruir a monarquia davídica, formar um reino único, um Templo único e um único povo conduzido pela Lei.

“Farei com eles uma aliança de paz, que será uma aliança para sempre” (Ez 37,26).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, uma vela acesa, flores, terra e desenhar a silhueta de uma casa.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro e colocar os cartazes com os temas dos encontros anteriores.

2. Acolhida

Dirigente: Sejam bem-vindas e bem-vindos a este encontro. Façamos memória da presença da Trindade em nosso meio. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todas(os): Amém.

Dirigente: Ao longo da caminhada de reflexão e estudo, rezamos algumas passagens do livro de Ezequiel. No primeiro encontro, olhamos as realidades de injustiça em Israel, especialmente os crimes dos governantes. No segundo encontro, refletimos sobre os profetas da corte que escondiam a realidade do povo. No terceiro encontro, vimos que o Espírito de Deus e a sua mão fazem o povo reviver e caminhar para uma vida nova. No quarto encontro, renovamos nossa fé em Deus como o pastor amoroso e presente na vida do seu povo. E, hoje, refletiremos sobre o sonho de voltar para a terra. Cada grupo sonha a partir de sua realidade e conforme a sua formação.

Vamos repetir, em voz alta, o tema do encontro de hoje: *O sonho de voltar para a terra e restaurar a vida.*

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto no encontro anterior? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Há mais de 2.500 anos, o grupo de escribas da cidade de Jerusalém escreveu um salmo salientando a função da autoridade e desejando que o rei a realizasse: “Ó Deus, concede ao rei teu julgamento e tua justiça ao filho do rei. Que ele julgue teu povo com justiça, e teus pobres conforme o direito. Que as montanhas e colinas tragam a paz com justiça para o povo. Que aos pobres do teu povo ele faça justiça, salve os filhos dos indigentes e esmague o opressor” (Sl 72,1-4).

Dirigente: Vivemos em um mundo marcado pela incerteza em relação ao futuro. A realidade das guerras mata milhares de pessoas inocentes e destrói a vida de muitas outras. A violência faz parte do dia a dia de muitas pessoas. Em todos os cantos de nossas cidades, nos encontramos com pedintes e pessoas passando fome. O desemprego e o subemprego batem à porta de muitas pessoas. A lista dos problemas sociais é imensa. Podemos nos perguntar: qual a função da autoridade de ontem e de hoje? Qual o projeto para melhorar a realidade que vivemos? *Tempo para responder a essas questões.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Ao longo da história da monarquia davídica, os escribas (sacerdotes e profetas) da corte haviam elaborado o ideal da autoridade de Jerusalém: a) Os reis davídicos deviam respeitar a aliança (Lei) de paz com Deus Javé (Dt 17,14-20) e governar o povo com “justiça, direito, amor e verdade” (Sl 89,15; Is 9,1-6), produzindo a verdadeira paz: a segurança, o bem-estar, a plenitude da vida para o povo, sobretudo os pobres e sofredores (Sl 72; Is 11,1-9); b) A cidade de Jerusalém,

com o Templo, fora escolhida para ser a cidade santa e a casa de Deus (Is 1,21-28).

Porém, os reis e seus oficiais haviam falhado e praticado a injustiça contra o povo, transformando Jerusalém numa cidade sanguinária (Ez 22) e o Templo num covil de ladrões (Jr 7,1-11), e até provocando a guerra e a invasão da Babilônia por causa da cobiça pelo poder e pela riqueza. Em meio à destruição e no exílio, o grupo de Ezequiel, pertencente à elite da cidade de Jerusalém e formado na teologia davídica, insiste em apresentar o projeto do restabelecimento da monarquia davídica, com um governo fiel a Deus a serviço do povo, firmando uma perpétua aliança de paz.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus luzes para compreender qual o seu projeto para a nossa vida.

Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz. No Senhor está toda graça e salvação. Nele encontramos o amor e o perdão.

Leitora ou leitor 3: Ler Ez 37,21-28.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Qual o projeto de reconstrução de Israel (Judá) que transparece no texto?
- b) Qual a tarefa do futuro rei para estabelecer a paz na nação: a segurança, o bem-estar, a plenitude da vida do povo?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Como pessoas cristãs, somos convocadas a dar continuidade à missão de Jesus: implantar

o reino de Deus, um reino de justiça, fraternidade e solidariedade. Nosso sonho é que todas as pessoas tenham condições de viver de maneira digna.

- a) Como nós e nossas comunidades estamos ajudando na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária?
- b) Quais os nossos sonhos e anseios? E o que estamos fazendo para que eles se realizem?
- c) Uma nova sociedade exige a inclusão de todas as pessoas. Qual abertura existe em nós e em nossas comunidades para as pessoas que vivem e pensam de forma diferente de nós?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos pegar a casa e expressar, em voz alta, quem nós queremos colocar em nossa casa. *Tempo para falar.* Em seguida, somos convidadas(os) a olhar para a terra, que simboliza identidade e segurança. Vamos colocar a mão na terra e pedir que todas as pessoas tenham seus direitos básicos garantidos.

Dirigente: Mais uma vez, queremos nos comprometer com a construção de uma sociedade da paz. Por isso, rezemos, cantando:

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver
ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia,
que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu
leve a fé; onde houver erro, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde
houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver
trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado. Compreender que ser compreendido. Amar que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna.

8. Gesto concreto

Visitar as pastorais sociais de nossa comunidade e/ou paróquia e verificar como podemos nos engajar nas atividades propostas por essas pastorais.

9. Bênção final

Dirigente: Neste momento, agradecemos a Deus pela caminhada que realizamos e pedimos a sua bênção para nossa vida e missão. Pedimos também que ele abençoe os alimentos que trouxemos para partilhar. Que a bênção do Deus da vida, da paz e do amor desça sobre nós e sobre os alimentos que vamos partilhar.

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: *O ideal da autoridade davídica e seu governo*

Em 724 a.C., o império assírio invadiu Israel Norte e sitiou a capital Samaria. Apoderou-se da cidade em 722 a.C., provocando destruição, morte, exílio e caos. Com a guerra, um grande número de pessoas de Israel Norte refugiou-se em Judá, sem rumo e sem esperança. Isaías, profeta da corte de Judá, pronunciou um oráculo para esse povo sofrido:

O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam uma terra tenebrosa. Pois nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado: sobre seu ombro está o manto real, e ele se chama “Conselheiro Maravilhoso”, “Deus Forte”, “Pai para sempre”, “Príncipe da Paz”. Grande será seu domínio, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e seu reino, firmado e reforçado com o direito e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo de Javé dos exércitos é quem realizará isso (Is 9,1.5-6).

Talvez o oráculo seja pronunciado na entronização do jovem rei Ezequias, dado que os quatro títulos aplicados ao menino seguem o protocolo egípcio da entronização do novo Faraó. Aproveitando a ocasião, Isaías apresenta o rei Ezequias como o sinal de esperança para o povo do Israel Norte, a terra devastada pela Assíria. Propaga o rei davídico como a autoridade ideal para a restauração da paz do povo sofrido.

No oráculo, o profeta descreve o ideal da autoridade da monarquia davídica a serviço da paz, elaborado pelos escribas (sacerdotes e profetas) da casa de Davi: os reis devem governar o povo com o “direito e a justiça”, produzindo a paz duradora sobre o trono e o reino: a segurança, o bem-estar, a plenitude da vida. O ideal da autoridade davídica é também aprofundado pelos salmos reais, elaborados pelo mesmo grupo da corte de Jerusalém, destacando o dever do rei com o povo, em especial com os pobres e sofredores:

- “Meu coração fez brotar belas palavras: eu as dedico ao meu rei. Minha língua é pena de hábil escritor. Cinja a espada sobre a coxa, ó valente, com sua majestade e seu esplendor. Seu esplendor invada, cavalgue por causa da verdade, da mansidão e da justiça” (Sl 45,2.4-5a).

- “Não habitará no interior da minha casa quem pratica fraudes. Quem fala mentira não permanecerá diante de meus olhos. A cada manhã farei calar todos os ímpios da terra, para extirpar da cidade de Javé todos os malfeitores” (Sl 101,7-8).

O último confirma que Jerusalém, com o Templo, fora escolhida para ser a cidade santa e o símbolo da aliança com Deus Javé. Sendo a casa de Javé, a cidade devia promover a vida, na justiça e na fraternidade. Os últimos governantes de Jerusalém, porém, foram infiéis à sua missão de promover a verdade, a mansidão e a justiça, e praticaram fraudes, mentira, injustiça e opressão contra os pobres e os sofredores: “a cidade sanguinária” (22,2-4; 24,9). Na injustiça e na opressão, o templo de Jerusalém, que deveria exprimir a relação da aliança da paz entre o povo e Javé, transformou-se numa instituição de corrupção e de injustiça:

Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a Baal, seguir outros deuses que vocês nunca conheceram... E depois vocês se apresentam diante de mim, neste Templo, onde meu nome é invocado, e dizem: “Estamos salvos!”, para depois continuarem praticando essas abominações. Este Templo, onde meu nome é invocado, será por acaso abrigo de ladrões? Estejam atentos, porque eu estou vendo tudo isso – oráculo de Javé (Jr 7,9-11).

Os governantes de Jerusalém promoveram as abominações e os crimes no Templo e em Jerusalém, transformando a monarquia davídica numa “máquina” de exploração e perversão dos pobres e dos sofredores, e chegando até a provocar a invasão devastadora da Babilônia, por causa da cobiça do poder e riqueza. De certa

forma, o desastre nacional de Judá devia ter acontecido devido à infidelidade da autoridade de Jerusalém à sua missão de promover a segurança e o bem-estar do povo.

Longe da sua terra, Jerusalém, o grupo exilado de Ezequiel (a elite davídica da primeira deportação) sonha com a restauração da casa de Davi. Anseia pela chegada de um rei davídico, como servo e pastor de Deus, que realizará a aliança de paz entre o povo e Deus:

Vou fazer com elas uma aliança de paz: acabarei com as feras, de modo que poderão habitar com segurança no deserto e dormir com tranquilidade no meio dos bosques. Farei da terra e da minha montanha uma bênção. Mandarei chuva no tempo certo, e será uma chuva abençoada. A árvore do campo dará seu fruto, a terra produzirá e todos estarão seguros, morando na própria terra (34,25-27).

Em Ez 37,21-28, o grupo de Ezequiel apresenta o projeto da restauração da monarquia davídica, com um governo fiel a Deus a serviço do povo, firmando uma perpétua aliança de paz. O Templo, centro do reino, será sinal da ação salvífica de Deus Javé para com Israel (o reino unido de Judá e Israel Norte).

Comentando o texto: *Ez 37,21-28 – Projeto da restauração da monarquia davídica*

O espírito de Javé restitui a vida ao povo, que parecia morto e sem esperança por causa da destruição de Jerusalém e da dispersão (37,1-4). O povo, guiado por Javé, Bom Pastor (34,11-16), vai retornar à terra santa: “Assim diz o Senhor Javé: Tirarei os filhos de Israel do meio das nações para onde foram levados, e os reunirei de todos os povos, e os levarei de volta para sua terra” (37,21). Javé

vai restaurar Israel (a nação do povo de Deus) na terra santa, trazendo de volta os dispersos do meio das nações, como a Babilônia.

Para a restauração de Israel, Ezequiel anuncia, nas palavras de exigências de Javé, o projeto com as principais orientações políticas e teológicas da casa davídica. É o projeto elaborado segundo o ideal da monarquia davídica e de sua autoridade, para restaurar a nação destruída por causa da infidelidade, da abominação e da injustiça praticadas pelos últimos governantes de Judá (22,1-31; 34,1-6).

A primeira exigência é a unificação dos dois reinos sob um único rei: “Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei governará sobre todos eles. Não serão mais duas nações, nem dois reinos separados” (37,22). A unificação dos dois reinos (Israel Norte e Judá) é um sonho antigo. Após a queda da Samaria – Israel Norte (722 a.C.) –, houve tentativas de Ezequias e Josias, reis da casa davídica que executaram a política nacionalista e expansionista, de formar um reino unificado. Segundo o relato bíblico, Josias invadiu e estendeu seu domínio político até a região de Efraim (2Rs 23,15-20). É compreensível que o sonho da unificação esteja presente no projeto da restauração do grupo de Ezequiel, pois ele tem como berço a formação teológica da casa davídica. Na realidade, o projeto da unificação é irreal sob o domínio da Babilônia, no qual a Samaria torna-se um dos centros distritais do Império e continuará sendo um dos distritos do império persa, futuro conquistador da Palestina.

A segunda exigência é a fidelidade a Javé: “Não se contaminarão mais com seus ídolos, com seus horrores e com seus crimes. Vou libertá-los das revoltas que os levaram a pecar. Vou purificá-los, e eles serão meu povo e eu serei o Deus deles” (37,23). Os últimos governantes aliaram-se ao Egito e aos seus vizinhos em busca de poder e de riqueza. Tais alianças incluíam a adoção de práticas religiosas dos

povos aliados: ídolos e horrores. Eram os deuses e ídolos utilizados para justificar a corrupção, a exploração e a violência contra os pobres e os indigentes (22,29). Os governantes abomináveis e infiéis a Deus Javé contaminaram a nação e afastaram o povo da aliança com Deus.

Por isso, o grupo de Ezequiel sonha com um governo fiel a Deus e a serviço do povo, no qual os governantes pratiquem a justiça em favor dos pobres sofredores, segundo a teologia davídica: “Ele [rei] julgará os fracos com justiça, dará sentenças retas aos pobres da terra. Ele ferirá o violento com o cetro de sua boca, e matará o injusto com o sopro de seus lábios. A justiça é a correia de sua cintura, e a fidelidade é a correia de seus rins” (Is 11,4-5). É o ideal da autoridade da casa davídica: o rei justo e fiel a Deus. Na história de Israel, no entanto, na maioria das vezes, esses reis falavam muito em Deus (Jr 7,4, cf. Mt 7,21), gostavam de exibir-se em rituais religiosos, porém, na prática, faziam o contrário: retiravam os direitos dos pobres e os exploravam, e suas mãos estavam sujas de sangue (Is 1,11-15).

Para Ezequiel e seu grupo, o rei fiel a Deus Javé é Davi e seus descendentes; a terceira exigência aponta o ideal da autoridade: “Meu servo Davi reinará sobre eles, e haverá um só pastor para todos. Eles viverão segundo minhas normas, observarão meus estatutos e os colocarão em prática” (37,24). O grupo de Ezequiel, assim, segue a tradição da casa davídica: “Do tronco de Jessé [pai de Davi] sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé” (Is 11,1-2). Com essa tradição davídica, o grupo sonha e projeta que o povo de Deus (11,20) vai recuperar a unidade e a fraternidade sob a chefia de um novo Davi, e viverá na fidelidade a Deus, observando as leis (normas e estatutos).

Conseqüentemente, se o povo formar um governo sob o novo Davi, a terra santa será retomada e garantida para o povo de Israel: “Eles habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, onde já habitaram seus pais. Aí eles vão habitar em definitivo, junto com seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre, enquanto meu servo Davi será o príncipe deles para sempre” (37,25). É o pensamento tipicamente deuteronomista (dos escribas da casa davídica) da aliança com Deus, a respeito da posse da terra. Ao contrário, se o povo de Israel não observar os mandamentos de Deus, a terra lhe será tirada: “Mas, se vocês quebrarem a aliança que Javé seu Deus fez com vocês, para servir a outros deuses, prostrando-se diante deles, a ira de Javé se inflamará contra vocês, e rapidamente perderão a boa terra que Javé deu para vocês” (Js 23,16). É um Deus ciumento e poderoso de retribuição.

A restauração do governo do novo Davi também trará o restabelecimento da aliança da paz com Deus: “Farei com eles uma aliança de paz, que será uma aliança para sempre” (37,26a). A expressão “aliança de paz” é utilizada duas vezes em Ezequiel:

Eu, Javé, serei o Deus delas, e meu servo Davi será seu príncipe. Fui eu, Javé, que falei. Vou fazer com elas uma aliança de paz. Eles não serão mais presa fácil das nações, e as feras nunca mais irão devorá-los. Habitarão tranquilamente, sem que ninguém os amedronte. Eu lhes darei uma lavoura farta, e não haverá mais mortos de fome na terra, nem terão mais de se humilhar diante das outras nações (34,24-25a.28-29).

Na linha de um grupo deuteronomista de escritos (Dt, Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs), ao qual o grupo de Ezequiel pertence, a aliança renovada de paz trará uma série de

bênçãos, apresentadas em Dt 28: a segurança, o bem-estar, a prosperidade. A aliança deuteronômista é um compromisso recíproco que só se mantém enquanto Javé e o povo de Israel respeitam seus compromissos. Se o povo pecar contra Javé, a aliança é rompida e os castigos abaterão o povo, como o acontecimento da invasão, da devastação, da destruição de Jerusalém. Com a experiência do desastre nacional por causa da infidelidade dos governantes, o grupo de Ezequiel, pertencente à elite da cidade de Jerusalém, sonha com a restauração da dinastia davídica fiel a Deus Javé para sempre e com a renovação da aliança de paz, uma aliança para sempre. É um sonho dos ex-funcionários (Ezequiel) da dinastia davídica que estão longe da sua terra, Jerusalém, sem rei nem Templo!

Como era de se esperar, a última exigência de Javé para a restauração de Israel é a reconstrução do templo de Jerusalém: “Vou estabelecê-los e multiplicá-los, e colocarei meu santuário no meio deles para sempre. Aí será minha habitação. Eu serei o Deus deles, e eles serão meu povo” (37,26b-27). Haverá um novo santuário de Deus Javé para fundamentar e completar a nova aliança de Deus com Israel, porque o santuário, “meu santuário no meio deles”, será um fator eficaz e importante para o funcionamento da nova monarquia davídica.

Historicamente, o Templo (santuário) de Jerusalém ganhou importância com a política nacionalista dos reis Ezequias e Josias (movimento deuteronômista) de centralizar o culto em Jerusalém e fortalecer Javé como a divindade oficial do Estado, destruindo os locais de cultos (santuários e lugares altos) e perseguindo outras divindades: “Vocês farão desaparecer completamente todos os lugares onde as nações, das quais vocês irão apoderar-se, serviam a seus deuses, seja nas altas montanhas, seja nas colinas ou debaixo de qualquer árvore frondosa” (Dt 12,2).

Com a presença de Deus Javé, o Templo tinha influência direta sobre a vida econômica, social e religiosa. Os impostos (oferendas, sacrifícios, dízimos) do Templo eram arrecadados de todos, e seus grandes armazéns faziam dele uma espécie de banco central e tesouro nacional. As atividades econômicas e religiosas do templo de Jerusalém, como a única morada de Deus e o único local de culto, transformavam a casa de Javé, o Deus oficial do Estado, em um centro mercantil, uma área industrial, um centro arrecadador de todas as ofertas e um sólido aparelho de sustentação do Estado. Não é por nada que, aos olhos dos camponeses e de seus profetas, a elite governante havia transformado o Templo num “abrigo de ladrões” (Jr 7,11).

Relatando as abominações e os crimes praticados no Templo (8,1-10,17) e o abandono de Javé, que deixa o Templo e Jerusalém (10,18-22; 11,22-25), Ezequiel, que tem como berço o sacerdócio, insiste na reconstrução do Templo, pois a presença de Javé no templo de Jerusalém é fundamental para justificar a restauração da monarquia sob um novo Davi, eleito por Deus, e legitimar Israel como o povo consagrado no meio das nações: “Quando eu colocar meu santuário no meio deles para sempre, as nações ficarão sabendo que eu sou Javé, aquele que consagra Israel” (37,28). Enfim, Javé no templo de Jerusalém e a monarquia davídica restaurada resumem toda a obra social e religiosa de Ezequiel, pertencente à elite sacerdotal da cidade de Jerusalém, levada ao exílio pelos babilônios.

Aprofundando: *Projeto da restauração de Israel conforme Segundo Isaías (Is 40-55)*

Em 589 a.C., Sedecias, o último rei de Judá, rebelou-se contra a Babilônia. O exército de Nabucodonosor, o imperador da Babilônia, sitiou Jerusalém e, um ano e meio

depois, entrou na cidade. Foi uma catástrofe: a cidade foi destruída e o Templo saqueado, profanado e incendiado. Nabucodonosor não teve nenhuma compaixão com as autoridades e os habitantes de Jerusalém. A família real e seus oficiais foram aniquilados. Grande parte do exército foi morta. O grupo de funcionários da segunda categoria do Templo – trabalhadores civis, pequenos comerciantes, artesãos e agricultores – foi aprisionado e levado para o exílio (2Rs 25,11-12). Foi a segunda deportação.

O grupo da segunda deportação não teve a mesma sorte dos primeiros deportados (grupo de Ezequiel), tratados como prisioneiros políticos com semiliberdade (cf. Jr 29,1-23). Diferentemente, os segundos deportados foram tratados como escravos e despojos de guerra. O Segundo Isaías, redigido pelo grupo da segunda deportação, relata a situação dos deportados:

- “Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram. Estão com a língua seca de sede” (Is 41,17).
- “Há muito tempo estou calado. Permaneci quieto e aguentei. Agora vou gritar como a mulher que dá à luz, vou gemer e suspirar” (Is 42,14).
- “Mas seu povo é um povo espoliado e roubado, todos presos em cavernas, trancados em prisões. Era saqueado, e ninguém o libertava. Despojado, e ninguém dizia: ‘Devolvam isso’” (Is 42,22).

Os deportados trabalhavam como mão de obra escravizada na agricultura e em obras públicas, como a construção de canais dos rios da Babilônia (Sl 137). A situação dos prisioneiros escravos era de sofrimento e sem esperança, como “cana rachada” (Is 42,3), pessoas “que vivem no escuro” (Is 42,7). Foi nessa circunstância que Segundo Isaías anunciou, com grande entusiasmo,

a possibilidade de o império babilônico ser derrotado por Ciro, imperador da Pérsia, e o exílio chegar ao fim (Is 41,1-7; 45,1-7). Ciro foi até chamado de justiceiro, pastor, ungido e águia a serviço do Deus de Israel (Is 41,2; 44,28; 46,11). O sinal de esperança! É o tempo de sonhar com a volta à terra santa e com a reconstrução de Israel, o que faz nascer o livro do Segundo Isaías.

O Segundo Isaías foi escrito pelos levitas exilados na segunda deportação. Eles eram os pregadores itinerantes e os sacerdotes do interior de Israel. Trabalhavam com o culto e a organização de aldeias comunitárias, procurando manter as leis da justiça e da solidariedade para com a população camponesa mais pobre. Na reforma do rei Josias (620-609 a.C.), os levitas foram trazidos à força para o templo de Jerusalém. No Templo, eles não podiam “subir ao altar de Javé” (2Rs 23,9) e eram considerados sacerdotes de segunda categoria, trabalhando como cantores, escribas e porteiros.

Na Babilônia, enquanto o grupo de Ezequiel, a elite da primeira deportação, procura manter o sonho de reconstruir a monarquia davídica, os levitas, representantes dos deportados escravizados da segunda deportação, sonham e escrevem o projeto da reconstrução de Israel conforme sua formação, história e realidade, sobretudo a dura situação de guerra – destruição, deportação, exploração, desolação –, provocada por causa da cobiça dos governantes pelo poder e pela riqueza. Eles tentam manter a chama da vida nos momentos em que ela está para se apagar. Vejamos a proposta do Segundo Isaías.

- a) Deus de ternura: “Mas pode a mãe se esquecer do seu nenê? Pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você. Veja! Eu tatuei você na palma da minha mão” (Is 49,15-16). Em contraste

com Marduk, Deus violento e sanguinário dos babilônios, e também com o Deus castigador dos deuteronomistas, Javé dos pobres é apresentado como Deus solidário (Is 40,1.29; 41,10; 43,5; 51,12), compassivo (Is 49,13; 52,9), próximo (Is 43,1.7; 45,3-4; 49,1.16). Ele, bom pastor, carregará o povo deportado e sofrido no colo e o trará de volta à terra santa (Is 40,1-11; cf. Is 49,10).

- b) Nova liderança do Servo: “Vejam meu servo, a quem eu sustento. Ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir sua voz na praça. Não quebrará a cana já rachada, nem apagará o pavio que ainda fumega. Promoverá fielmente o direito. Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro” (Is 42,1-3.6-7). Os levitas projetam uma nova liderança, a do “Servo” (que é exercida por um grupo: Is 42,1; 43,20; 45,4), com características diferentes dos tiranos e dos reis injustos: liderança que nasce da sensibilidade pela realidade desumana, do amor solidário e do compromisso com as pessoas empobrecidas e enfraquecidas, atuando na contramão do sistema injusto e explorador, sem o uso da força e da violência. É o caminho da humanização e da não violência.
- c) Nova aliança de gratuidade: “Atenção! Todos os que estão com sede, venham às águas. E os que não têm dinheiro, venham. Compre e comam sem dinheiro, e bebam vinho e leite sem pagar. Farei

com vocês uma aliança definitiva, serei fiel à minha amizade com Davi” (Is 55,1.3). Agora, porém, a aliança não seria mais entre Deus e o rei da casa davídica, mas com toda a comunidade. O sonho dos levitas é restabelecer uma sociedade na qual reinaria o projeto da partilha e da solidariedade, com a participação do povo pobre e sofredor.

Em meio à crise generalizada do exílio, os levitas ajudam o povo a sobreviver, criando o projeto de sonhar com uma sociedade na qual todas as pessoas tivessem condições dignas de vida. E mais: o grupo dos levitas está consciente de que haverá muito desafio na realização de uma sociedade justa e fraterna, no mundo de injustiça e de opressão. O grupo descreve até a morte do Servo por causa da prática da justiça, dando sua vida por amor ao próximo (Is 53,10: cf. Is 50,4-11). O Servo morre, mas sua vida terá continuidade por meio de seus descendentes. O projeto de salvação, ou seja, de libertar o povo da situação de escravidão, triunfará (Is 53,11). É o projeto que será assumido mais tarde por Jesus de Nazaré, “Servo”, no império romano...

Realizar o projeto do Servo, que cria verdadeira rede de solidariedade para com as pessoas sofridas e enfraquecidas, é um desafio para ontem e hoje. A prática da justiça, no mundo dos impérios opressores, provoca a morte de muitas “servas e servos” até hoje. Porém, o seguimento de Jesus Servo, norteadado pela sensibilidade pela realidade desumana e pela prática do amor ao próximo, deve continuar alimentando a chama de vida das pessoas sofridas pela fome, violência, discriminação etc., somando forças com os grupos que agem nas pequenas brechas e na fragilidade, buscando implantar a justiça e a fraternidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, Leslie C. *Ezekiel 20-48*. (Word Biblical Commentary, v. 29). Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1990.
- ALLEN, Leslie C. *Ezekiel 1-19*. (Word Biblical Commentary, v. 28). Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1994.
- BIERLEIN, J. F. *Mitos paralelos: uma introdução aos mitos no mundo moderno e as impressionantes semelhanças entre heróis e deuses de diferentes culturas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BLENKINSOPP, Joseph. *Ezekiel*. (Interpretation, a Bible Commentary for Teaching e Preaching). Louisville: John Knox Press, 1990.
- DARR, Katheryn Pfisterer. *The Book of Ezekiel*. (The New Interpreter's Bible, v. VI). Nashville: Abingdon Press, 2001.
- DIETRICH, Luiz J.; NAKANOSE, Shigeyuki (org.). *Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022.
- NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antônia; Centro Bíblico Verbo. *A lei a favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*. São Paulo: Paulus, 2020.
- NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antônia; Centro Bíblico Verbo. *Terra de Deus, Terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*. São Paulo: Paulus, 2022.
- NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.
- PEDRO, Enilda de P. O Servo de Javé, uma nova liderança: “Não apagará o pavio que está para se apagar” (Is 42,3). *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, ano XLV, 238, p. 11-16, 2004.

SUMÁRIO

5	Agradecimentos
7	Apresentação
9	Introdução ao livro de Ezequiel
12	1. Formação
13	2. Mensagens e contexto histórico
14	Reinado de Sedecias
15	Período exílico
18	Período pós-exílico
20	3. Redação e estrutura
20	4. Mensagens principais
22	Lembretes para as reuniões
25	Primeiro encontro: Os crimes de Jerusalém
30	Orientações para o primeiro encontro
30	Situando o texto: <i>Jerusalém, a cidade infiel</i>
34	Comentando o texto: <i>Ez 22,17-31 – Jerusalém, cidade sanguinária</i>
38	Aprofundando: <i>Império, idolatria, alienação, dominação e violência</i>
45	Segundo encontro: Ter discernimento na busca da verdade e da justiça
50	Orientações para o segundo encontro
50	Situando o texto: <i>Combate aos falsos profetas da corte</i>
54	Comentando o texto: <i>Ez 13,1-16 – Contra os falsos profetas</i>
58	Aprofundando: <i>Hananiah versus Jeremias: quem é o verdadeiro profeta?</i>

- 63 **Terceiro encontro: O Espírito de Deus nos faz reviver**
- 68 Orientações para o terceiro encontro
- 68 Situando o texto: *Cantos de luto, resistência e esperança*
- 71 Comentando o texto: *Ez 37,1-14 – Visão de ossos, espírito e esperança*
- 77 Aprofundando: *O mito da criação com o espírito de resistência e de esperança*
- 83 **Quarto encontro: Javé, o Bom Pastor, na restauração do povo sofrido**
- 87 Orientações para o quarto encontro
- 87 Situando o texto: *Javé, Bom Pastor*
- 90 Comentando o texto: *Ez 34,1-16 – Javé, Bom Pastor, resgata e conduz seu povo*
- 94 Aprofundando: *Jesus, Bom Pastor*
- 99 **Quinto encontro: O sonho de voltar para a terra e restaurar a vida**
- 104 Orientações para o quinto encontro
- 104 Situando o texto: *O ideal da autoridade davídica e seu governo*
- 107 Comentando o texto: *Ez 37,21-28 – Projeto da restauração da monarquia davídica*
- 112 Aprofundando: *Projeto da restauração de Israel conforme Segundo Isaías (Is 40-55)*
- 117 Bibliografia

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço da pastoral bíblica junto com o povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia.

Cursos intensivos e extensivos (presenciais e *on-line*)

O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos; Aprofundamento; Espiritualidade Bíblica; Tema do Mês da Bíblia; Hebraico e Grego etc.

Serviços às igrejas locais e outras entidades

A equipe do Centro Bíblico Verbo presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Produção

O Centro Bíblico Verbo prepara subsídios para o Mês da Bíblia: livro; "Bíblia Gente" (Site); vídeo (YouTube); artigo (blog e site) etc.

Mais informações:

Tel.: (11) 5187-1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo



CENTRO BÍBLICO PAULUS

O Centro Bíblico PAULUS é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

O Centro Bíblico PAULUS atua em cinco níveis:

1. **Editorial**, com traduções da Bíblia e subsídios de estudo.
2. **Formativo**, com cursos bíblicos oferecidos sobretudo nas livrarias PAULUS.
3. **Pastoral**, com organização e suporte a eventos e iniciativas bíblicas.
4. **Espiritual**, com proposta de métodos de leitura orante da Bíblia.
5. **Eclesial**, com a oferta de serviços às igrejas locais para a animação bíblica da pastoral.

Como destinatários, tem todas as pessoas, no espírito do apóstolo Paulo, com atenção especial a quem tem menos oportunidade de ler e aprofundar a Bíblia. A metodologia é fazer a Palavra de Deus dialogar com todas as dimensões do ser humano (mente, vontade, coração), valorizando toda forma de comunicação: relações, imagens, artes, música, redes sociais etc.

Além das atividades relacionadas às publicações de Bíblias, livros e subsídios bíblicos, o Centro Bíblico PAULUS continua a oferecer gratuitamente, nas plataformas digitais, para domingos, solenidades e festas, o programa "Palavra Viva", que consiste de vídeos com breve comentário ao Evangelho do dia. Ao celebrar o Ano Bíblico da Família Paulina e os 50 anos do Mês da Bíblia no Brasil, reafirma também seu compromisso para que a Palavra continue sendo a animação da vida e de toda a pastoral.



"A Bíblia é tudo para o nosso apostolado:
luz, caminho ou método e vitalidade.
Nós somos a voz de Deus, nós somos os seus repetidores,
nós somos os seus tipógrafos, nós somos os seus mensageiros,
os seus carteiros, que levam a sua carta às pessoas."

(Pe. Tiago Alberione, 1933)



